

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**PAULA NOGUEIRA DE TOLEDO MORELLI**

**O TEMOR SECRETO DOS PERIGOS DA ALMA**

**Uma revisão bibliográfica sobre o conceito do medo na Psicologia Analítica**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**Núcleo de Estudos Junguianos**

**SÃO PAULO  
2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**PAULA NOGUEIRA DE TOLEDO MORELLI**

**O TEMOR SECRETO DOS PERIGOS DA ALMA**

**Uma revisão bibliográfica sobre o conceito do medo na Psicologia Analítica**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Doutor Durval Luiz de Faria.**

**SÃO PAULO  
2009**

Banca Examinadora:

Orientador: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

Examinadora: \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ceres Alves de Araujo

Examinadora: \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marion Gallbach

Para Sérgio Luiz Morelli, meu marido; para Marina de Toledo Morelli e Fernanda de Toledo Morelli, minhas filhas.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Sérgio, meu marido, pelo incentivo amoroso.

Às minhas queridas filhas, Marina e Fernanda, que muito me ajudaram com inteligência e carinho.

Aos meus pais, Maria Sylvia e João, e todos da família que sempre valorizaram o ensino e a cultura.

Ao meu orientador, Durval Luiz de Faria, que com muita paciência e sabedoria me ajudou a escrever essa dissertação.

Às Profas. Dras. Ceres Alves de Araújo e Marion Gallbach por me mostrarem os caminhos para esta dissertação no exame de qualificação.

Aos professores e colegas do Núcleo de Estudos Junguianos da PUCSP

Aos meus terapeutas Sônia Barros de Carvalho e Tito Cavalcanti por me ajudarem realizar esse sonho.

Às minhas colegas de consultório pelas colaborações, palpites e dicas.

À Maria Zélia Alvarenga pela generosidade e pelas aulas de Mitologia.

Ao Fernando Ehrensperger por me ajudar com a tradução.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo formular hipóteses acerca do medo, assim como pensar sobre ele no contexto clínico, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o conceito do medo nas obras coligidas de C. G. Jung e outros autores da Psicologia Analítica. Utiliza-se o método qualitativo de pesquisa, por meio de revisão bibliográfica nos sites portal CAPES e Scielo, artigos e livros da abordagem. Para ilustrar a questão do medo usamos o conto “Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque de Holanda. Concluiu-se que o medo pode ser uma emoção protetora ou perturbadora do eu, assim como sinalização das mudanças nas etapas do desenvolvimento. O estudo finaliza ressaltando os significados do medo na clínica junguiana, assim como modos de se lidar com ele.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Medo. Complexo. Arquétipo.

## **ABSTRACT**

The aim of this dissertation is to formulate a hypothesis regarding fear, as well as how conceive it in a clinical context, parting from a bibliographical review of the concept of fear in the collect works of C. G. Jung and other authors of Analytical Psychology. A qualitative method of research is used, through a bibliographical review of the CAPES and Scielo portal websites, articles and books on the approach. To illustrate the question of fear Chico Buarque de Holanda's tale "Little Yellow Riding Hood" is used. It is concluded that fear may be a protective and disturbing emotion of the ego, as well as a signal of the changes in the stages of development. The study finishes pointing out the meanings of fear in the Jungian clinic, as well was the ways of dealing with it.

Key words: Analytical psychology. Fear. Complex. Archetype.

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Objetivo.....	15
2. Método.....	16
3. Conceito do medo.....	18
4. O medo nas obras coligidas de C. G. Jung.....	24
5. O medo em outros escritos de Jung	
5.1 Memórias, Sonhos, Reflexões.....	52
5.2 Cartas.....	59
6. O medo em outros autores da Psicologia	
6.1 Marie-Louise Von Franz – O medo e o arquétipo do Puer.....	64
6.2 Erich Neumann – O medo e o arquétipo da Grande Mãe.....	65
6.3 Verena Kast – O medo e o complexo.....	67
7. O medo na Mitologia .....	74
8. Ilustração: Chapeuzinho Amarelo.....	79
9. Discussão.....	86
Considerações Finais .....	89
Referências .....	90



## INTRODUÇÃO

“Medo estampado na cara ou escondido no porão  
O medo circulando nas veias  
Ou em rota de colisão  
O medo é do Deus ou do demo  
É ordem ou é confusão  
O medo é medonho, o medo domina  
O medo é a medida da indecisão”<sup>1</sup>  
(Lenine)

Medo é um tema comum nos consultórios de psicologia. Crianças, adolescentes e adultos sofrem com essa emoção quando ela deixa de funcionar como um sistema de alarme em situações de perigo e passa a ser algo tão intenso, que pode aprisionar e paralisar o desenvolvimento da psique. Em minha experiência como psicóloga clínica, observei que o medo pode aparecer de forma escancarada e dirigida a algum objeto ou de forma discreta como, por exemplo, quando alguém vai deixando aos poucos de fazer coisas simples do dia-a-dia, atrapalhando seus relacionamentos e sua produção.

A análise e discussão sobre a questão do medo nos levam a percebê-lo como sintoma de que algo mais profundo precisa ser visto. A importância deste estudo é a compreensão desta emoção, que pode causar tantos transtornos, através da revisão bibliográfica da obra de Jung e outros pensadores da Psicologia Analítica.

Existem pessoas com medo de dormir no escuro, de crescer, de solidão, de multidão, de cobras, de morte, de altura, de lugares fechados, de fantasmas, de monstros e de ficar doente, entre tantos outros. Todo mundo tem medo. Podemos listar vários.

A vida moderna acrescentou novos medos a essa lista: avião, dirigir carros, explosões atômicas e medos tecnológicos como, por exemplo, ficar sem celular.

São vários estudos e pesquisas sobre o medo. Na literatura acadêmica é possível notar que estão mais presentes nas áreas da psicologia, neuropsicologia, psiquiatria e também nas ciências sociais.

Os gregos usavam duas palavras para diferenciar suas apreensões: *deos*, que significava um temor refletido e controlado; e *phobos*, medo intenso e irracional acompanhado de fuga.

---

<sup>1</sup> Miedo–Lenine -Composição: Pedro Guerra/Lenine/Robney Assis- [www.lenine.com.br](http://www.lenine.com.br)

O medo pode ser considerado normal ou patológico. O medo normal é um mecanismo de defesa, que protege a vida e aparece quando deparamos com algo que nos coloca em risco. Desaparece quando não há mais nada a temer. É uma emoção inata (ANDRÉ, 2007).

O medo patológico aparece, em uma de suas formas, como fobia, que é definida como medo exagerado, intenso e incontrolável por um objeto específico. A fobia causa angústia e, muitas vezes, priva o indivíduo de atividades simples do cotidiano como forma de evitar o contato com a situação que causou o temor. O medo muito intenso pode chegar até ao ataque de pânico (ANDRÉ, 2007).

A fim de distinguir-se o medo, da fobia e do pânico, vale considerar o artigo de Vargas (2006, p.107) sobre os transtornos de ansiedade, estudo esse que esclarece os transtornos fóbicos: “Fobias são medos persistentes e irracionais de um objeto, atividade ou situação específica, e traz por resultado um desejo irresistível de evitar aquele objeto, atividade ou situação temida, os quais são denominados estímulos fóbicos”.

Pânico é diferente de medo. Pode ser considerada uma síndrome, um conjunto de sintomas. Faz parte dos transtornos da ansiedade, que “é uma emoção universal e parte necessária da resposta de nosso organismo ao estresse”. (VARGAS, 2006, p.108).

“Dos antigos casos de ansiedade, distinguiu-se clinicamente os “ataques de pânico espontâneos”, que eram qualitativamente diferentes de outros estados de ansiedade crônica. Dividiu-se, assim, aquela antiga categoria em “transtorno de pânico” (TP) e transtornos de ansiedade generalizada (TAG). O TP é uma síndrome caracterizada pela presença recorrente de ataques de pânico (AP), que são crises espontâneas e súbitas de mal-estar e sensação de perigo, morte ou desmaio, com múltiplos sintomas e sinais de alerta e hiperatividade autonômica, palpitações ou taquicardia, sudoreses, tremores, asfixia ou sufocamento, dor torácica, tonturas, náuseas, etc. Entre os sintomas psíquicos encontram-se: medo intenso (perder o controle, morrer, enlouquecer), despersonalização ou desrealização”. (VARGAS, 2006, p.108)

Os sintomas podem ser somáticos (taquicardia, sudorese, tontura, náusea, falta de ar, etc.) ou psíquicos (irritabilidade, insegurança, temor, insônia, dificuldade de concentração) de causas traumáticas ou por ansiedade patológica. Dependendo do caso, o tratamento pode ser psicoterápico e/ou medicamentoso (VARGAS, 2006, p.108).

O DSM – IV – TR Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2008) classifica vários transtornos de ansiedade, onde o medo patológico se apresenta: Ataque de Pânico, Agorafobia, Transtornos do Pânico, Fobia Específica, Fobia Social, Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e transtorno de ansiedade generalizada (TAG).

Na psicologia profunda o medo é considerado uma emoção que pode ser projetada nos mais diferentes objetos, causando angústia e prejudicando muitas vezes a vida cotidiana de quem o vive

O medo é segundo Jung (2002, p.27), uma emoção que nos possui e que mostra indícios de uma adaptação insuficiente. A escola junguiana refere-se ao medo como sintoma de um conflito entre opostos psíquicos que ocorre na constituição da consciência. (PIERI, 2002: p. 313).

A necessidade de refletir sobre esta emoção aparece também na arte, em suas diversas formas. Encontramos na literatura, no cinema e na música muitos trabalhos relacionados a este tema como tentativa de compreendê-lo melhor, uma vez que é uma emoção que nos domina. Não escolhemos ter medo.

Carlos Drummond de Andrade escreveu, em 1945, no livro “A Rosa do Povo” o seguinte poema:

### **O Medo<sup>2</sup>**

*Em verdade temos medo.  
Nascemos no escuro  
As existências são poucas;  
Carteiro, ditador, soldado.  
Nosso destino, incompleto.*

*E fomos educados para o medo.  
Cheiramos flores de medo.  
Vestimos panos de medo.  
De medo, vermelhos rios  
Vadeamos.  
Somos apenas uns homens e a natureza traiu-nos.  
Há as árvores, as fábricas,  
Doenças galopantes, fomes.*

*Refugiamo-nos no amor,  
Este célebre sentimento,  
E o amor faltou: chovia,  
Ventava, fazia frio em São Paulo.*

---

<sup>2</sup> O Medo: in A Rosa do Povo – Carlos Drummond de Andrade – E. Nova Aguilar :2003

*Fazia frio em São Paulo...  
Nevava.  
O medo, com sua capa,  
Nos dissimula e nos berça*

*Fiquei com medo de ti,  
Meu companheiro moreno.  
De nós, de vós, e de tudo.  
Estou com medo da honra.*

*Assim nos criam burgueses.  
Nosso caminho: traçado.  
Por que morrer em conjunto?  
E se todos nós vivêssemos?*

*Vem, harmonia do medo,  
Vem ó terror das estradas,  
Susto na noite, receio  
De águas poluídas. Muletas*

*Do homem só. Ajudai-nos,  
lentos poderes do Láudano.  
Até a canção medrosa  
se parte, se transe e cala-se.*

*Faremos casas de medo,  
Duros tijolos de medo,  
Medrosos caules, repuxos,  
Ruas só de medo, e calma.*

*E com asas de prudência  
Com resplendores covardes,  
Atingiremos o cimo  
De nossa cauta subida.*

*O medo com sua física,  
Tanto produz: carcereiros,  
Edifícios, escritores,  
Este poema; outras vidas.*

*Tenhamos o maior pavor.  
Os mais velhos compreendem.  
O medo cristalizou-os.  
Estátuas sábias, adeus.*

*Adeus: vamos para a frente,  
Recuando de olhos acesos.  
Nossos filhos tão felizes...  
Fiéis herdeiros do medo,*

*Eles povoam a cidade.  
Depois da cidade, o mundo.  
Depois do mundo, as estrelas,  
Dançando o baile do medo. (1945,p.123)*

Na música, no cinema e nas artes plásticas também encontramos obras relacionadas ao medo, mostrando ser este um tema de interesse para o ser humano.

Os contos de fadas e as histórias da mitologia grega são gêneros literários muito utilizados pelos teóricos da psicologia analítica, por serem considerados umas das formas mais puras de expressão do inconsciente. Os mitos de Fobos, Deimos e Pan, normalmente, ilustram discussões sobre medos e fobias. Escolhemos a história “Chapeuzinho Amarelo” e os mitos de Ares, Prometeu e Merlin para esse fim.

Este trabalho é uma revisão de literatura que tem como objetivo compreender os aspectos psicológicos do medo, tendo como referencial de análise, a Psicologia Analítica.

A idéia do título foi retirada de um trecho dos escritos de Jung, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, que diz:

“(...) os primitivos temem os afetos, (emoções) descontrolados, pois neles a consciência submerge com facilidade, dando espaço à possessão. Todo o esforço da humanidade concentrou-se por isso na consolidação da consciência. Os ritos serviam para esse fim, assim como as *représentations collectives*, os dogmas; eles eram os muros construídos contra os perigos do inconsciente, os *perils of the soul*. O rito primitivo consiste, pois, em exorcizar os espíritos, quebrar feitiços, desviando dos maus agouros;”.  
(JUNG, 2001, §47)

Iniciaremos o trabalho mostrando, no capítulo um, o conceito de medo do ponto de vista de outras abordagens teóricas, da Psicologia Analítica e da psiquiatria. O objetivo deste capítulo é contextualizar a questão do medo em diferentes enfoques.

Em seguida, no capítulo dois, faremos uma revisão de literatura sobre a questão do medo nas obras coligidas de Carl Gustav Jung, observando como o conceito foi desenvolvido cronologicamente.

Na seqüência, no capítulo três, faremos uma revisão nos escritos de Jung sobre o medo nos livros “Memórias, sonhos e reflexões” e nos três volumes “Cartas”.

No capítulo quarto, “O medo em outros autores da Psicologia Analítica”, veremos alguns conceitos da psicologia junguiana relacionados ao medo como arquétipos e complexos encontrados nos textos de Neumann, Von Franz e Verena Kast.

Prosseguindo, no capítulo cinco, falaremos sobre o medo na mitologia mostrando mitos que falam sobre esta emoção e seus conflitos. O objetivo é ampliar a compreensão do medo.

No capítulo seis, a história “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque de Holanda, foi escolhida para ilustrar o estudo, uma vez que fala sobre o medo que pode paralisar. São muitos os medos de Chapeuzinho, que não sabe exatamente o que teme mais e, por isso mesmo, não se arrisca, não brinca, não vive. O medo que protege, pode também limitar a vida. A análise do livro pretende compreender esta emoção que possui a menina.

No capítulo sete faremos uma discussão sobre os vários aspectos do medo apontados na dissertação e encerraremos o trabalho nas considerações finais.

## 1. OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre o medo, dentro do referencial da Psicologia Analítica.

Os objetivos específicos são:

- a) Pensar sobre a questão do medo a partir dos textos de Carl Gustav Jung e também de outros autores junguianos.
- b) Discutir o medo no contexto clínico por meio de uma ilustração.

## 2. MÉTODO

Esta dissertação é uma pesquisa teórica que, por meio de uma revisão de literatura, faz um estudo sobre o conceito do medo, ao longo da obra coligida de C. G. Jung, assim como de outros autores da Psicologia Analítica.

O método usado é o qualitativo, que, segundo Penna (2003), é o mais adequado às ciências humanas e sociais, que buscam a compreensão dos fenômenos humanos através da interpretação. Rey (2005) considera a pesquisa qualitativa uma produção teórica que envolve “a construção permanente de modelos de inteligibilidade que lhe dêem consistência a um campo ou um problema na construção de um conhecimento” (REY, 2005, p.11).

Por ser uma revisão de literatura, buscamos, em primeiro lugar, citações sobre o medo na obra de Jung, obedecendo ao critério cronológico, para que se pudesse observar com clareza o desenvolvimento do conceito. A data registrada é a da última revisão do autor e não a data da primeira publicação, nos casos em que houve mudanças no conteúdo escrito.

Em seguida, a revisão bibliográfica foi direcionada a outros autores da Psicologia Analítica, que escreveram sobre o medo. Como foram encontrados vários autores junguianos falando sobre o tema, selecionamos os textos de Marie-Louise Von Franz e Eric Neumann que escreveram sobre o arquétipo do Puer Aeternus e da Grande Mãe, respectivamente, e Verena Kast que escreveu sobre a humanização do arquétipo, como ilustração.

Buscamos também artigos, dentro de *sites* nacionais e internacionais, incluindo o portal da CAPES e o *site* Scielo, que discorressem sobre o medo.

Foram encontrados os seguintes artigos: Roazzi, Federicci e Wilson (2001), Federici e Carvalho (2002), Mestre (2000), Santos (2003), Siqueira-Batista et al (2008) e Ballone (2002).

Após o levantamento bibliográfico, procuramos ilustrar com um conto a questão do medo. Dentre os contos pesquisados, o que nos pareceu mais adequado foi “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque de Holanda, por ser bem representativo dos transtornos que o medo pode causar. Nessa história pudemos observar o medo patológico e sua evolução, tal como vemos em casos clínicos.



A ilustração foi analisada sobre a ótica da Psicologia Analítica, na qual este trabalho foi baseado.

Bauer (2002) fala das possibilidades de aplicações de diferentes métodos de pesquisa qualitativa, como texto, imagem e som, que podem ser usados a serviço da pesquisa social. São registros que podem complementar questões teóricas e abstratas. O autor ressalta a importância de uma integração do processo, que parte de um problema e se conduz, através da teorização, para a amostragem (livro, filme), para uma análise do conteúdo, que unirá teoria e realidade.

A análise de documentos é um dos muitos procedimentos e instrumentos usados em pesquisas qualitativas, que entre outras características podem ser multimetodológicas. (ALVEZ-MAZZOTTI, 1998).

Gill (2002) e Rose (2002) apresentam metodologias para investigação de representações sociais mediante texto e imagem, que por serem complexas precisam passar por um processo de simplificação que selecione os pontos a serem destacados, baseados na teoria e nos objetivos da pesquisa.

Estes autores nos deram, portanto, as razões para utilizarmos a ilustração, onde tentaremos refletir sobre o medo.

### 3. CONCEITO DE MEDO

A palavra medo é comumente usada para definir “um estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência.” (HOUAISS, 1879, p. 1879). É um estado ansioso, de temor irracional ou fundamentado.

O medo é universal e presente em diferentes formas de vida. No entanto, podemos considerar o medo humano mais complexo e diferenciado do que o medo animal.

É interessante observar a variação que o sentido do termo adquire ao longo da história: do homem pré-histórico, que tinha medo de ser devorado por animais, ao homem atual, com medo de seqüestro relâmpago e outros relacionados à violência social.

Em estudos sobre a história do medo, encontramos o trabalho de Delumeau (1999), *História do medo no ocidente*, que conceitua o medo como uma emoção e como um componente básico da experiência humana.

A partir da Grécia, o autor descreve o medo em vários grupos sociais. Os gregos consideravam o medo como uma punição dos deuses. Em época de guerra, procuravam divinizar e entrar em harmonia com Deimos (o terror) e Phóbus (o medo). O medo era considerado como uma vivência externa. Só a partir da Idade Média é que o medo passa a ser considerado uma vivência interna.

Delumeau retira da história os principais medos coletivos: o medo do mar e seus mistérios, da noite, de tempestades e outros fenômenos da natureza. Medo das pestes, das guerras, das bruxas, dos demônios e outros agentes de Satã, como o judeu, o mulçumano e a mulher. Medos do céu incluíam a eclipse e os cometas e eram relacionados ao apocalipse. O autor ressalta que rumores coletivos ajudavam a espalhar o medo como, por exemplo, mendigos que raptavam crianças.

Os medos atuais, do século XXI, foram encontrados em algumas pesquisas. Um estudo, feito por Roazzi, Federicci e Wilson (2001), sobre a representação social do medo pesquisou dois grupos de crianças: as que viviam no meio rural e as que viviam no meio urbano. Pesquisas sobre representação social buscam um elo entre o psicológico e o social. Analisando os resultados observaram que não havia diferenças significativas entre os dois grupos. O tipo de representação social do medo observado em crianças dentro de um contexto rural foi muito parecido com o das crianças do meio urbano. A partir da associação livre observou-se o medo relacionado aos seguintes itens:

Tabela: Itens e porcentagens produzidos a partir da associação livre

1. Fantasma (11,49%)	6. Bruxa (8,1%)	11. Barata (4,7%)
2. Assaltante (10,81%)	7. Monstro (7,43%)	12. Prova (4%)
3. Diabo (10,13%)	8. Papafigo (6,1%)	13. Rato (4%)
4. Morte (9,5%)	9. Doença (5,4%)	14. Morcego (2,7%)
5. Revólver (8,1%)	10. Vampiro (5,4%)	15. Sanguessuga (2,02%)

O artigo “Um Estudo do Medo Entre Adultos”, realizado por Federici e Carvalho (2002), fala sobre o resultado de uma pesquisa sobre as representações sociais do medo em adultos e o nível de consenso destas representações, em função da variável gênero.

A pesquisa destaca vinte itens entre os medos adultos, que foram separados em cinco grupos: entidades sobrenaturais (medo do desconhecido), problemas relacionados à saúde, violência social, acidente e abandono. Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos pesquisados, isto é, nas questões de gênero, os medos mais comuns entre homens e mulheres, aparecem representados nos mesmos itens.

A tabela abaixo mostra os itens mais significativos nesta pesquisa de representações do medo.

Tabela: representações do medo entre adultos.

<b>Entidades Sobrenaturais</b>	<b>Saúde</b>	<b>Violência Social</b>	<b>Acidente</b>	<b>Abandono</b>
Bruxa	Morte	Seqüestro	Trânsito	Velhice
Feitiçaria	AIDS	Menino de rua	Dor	Separação
Fantasma	Sangue	Violência sexual	Polícia	Solidão
Diabo	Doença	Assaltante	-	-
Escuro	-	Desemprego	-	-

O pesquisador M. Mestre (2.000) pesquisou sobre emoção e sociabilidade e, ao falar sobre o medo, destaca duas vertentes que merecem análise. A primeira refere-se aos medos permanentes, por se tratar daqueles compartilhados por todos os seres humanos e, portanto, considerados como “universais”. São: o medo da morte, da perda e do desconhecido.

A segunda trata dos medos ditos “sociais”, que se referem ao medo que a alteridade produz, relacionando comportamento e aprovação social. São exemplos: medo

da reputação, medo da crítica, do fracasso e da solidão. A autora conclui que as emoções, principalmente o medo, revelam os valores e normas culturais, que controlaram a sociabilidade de uma determinada época.

Na psicologia, neuropsicologia e psiquiatria, o medo é considerado uma emoção. Jung, em sua teoria, diferencia sentimento, de emoção, o que foi fundamental, uma vez que, até hoje, existem confusões sobre estes temas, na literatura.

Sobre o sentimento, Jung escreve: “O sentimento é o conteúdo, ou matéria da *função do sentimento*, determinado pela discriminação atuada do próprio sentir” (JUNG, 1991[1937], §895). O sentimento é discriminativo e valorativo e se relaciona ao objeto, não pelo pensamento, mas pelos modos da recepção, de como nos relacionamos com os objetos. É uma avaliação que se difere do pensamento, por seu caráter subjetivo, “[...] é uma apercepção, segundo que, nos modos da aceitação, da rejeição, mas também da indiferença, se verifica entre o sujeito e o objeto intencional que, conforme já foi dito, pode ser constituído pelo estado de ânimo do próprio sujeito ou de um elemento específico do seu mundo (interno e externo).” (PIERI, 2002, p 450).

Continuando o processo de diferenciação entre sentimento, emoção e afeto, podemos citar Schmitt (2006), que considera importante fazer uma pequena distinção entre esses termos, uma vez que eles são utilizados de forma livre, como se tivessem o mesmo significado. Esclarece que Jung diferenciou emoção, de sentimento, explicando que, este último, pode ser voluntário, enquanto que a emoção não o é.

Prosseguindo na distinção entre emoção e sentimento, Schmitt (2006) define afeto como uma atividade mediada pelo sistema nervoso autônomo e, portanto, inconsciente. “Aparece sem avisar”. O sentimento, por sua vez, requer reflexão e consciência.

Na Conferência XXXII de 1932, Freud (1996) considera o medo uma emoção primária de defesa frente a uma situação de perigo real ou que veio a tona através de lembranças. Quando o objeto causador desta emoção aparece indeterminado, usa-se o conceito de angústia. Para a Psicanálise, angústia, na medida em que constitui um estado afetivo, é a reprodução de um evento antigo, que representou uma ameaça de perigo.

No início do século XX, Jung considerava o medo uma neurose, “uma defesa contra a atividade interior objetiva da alma ou uma tentativa de esquivar-se à voz interior” (JUNG, [1932]2002, §319) e como tal, tem entre outras funções, a restauração do equilíbrio

psíquico necessário ao processo de individuação. “É um conflito que surge numa tensão entre opostos, que é iminente à vida” (HARK, 2000, p.85).

A definição acima é muito importante neste estudo que pretende falar do medo, que surge do conflito entre consciente e inconsciente no processo de desenvolvimento psíquico. Somente o contato com o conflito permitirá o conhecimento dos conteúdos, que estão aprisionando o indivíduo no seu processo de individuação.

Jung levanta o lado positivo da neurose, que pode indicar o lado da personalidade, que ainda não foi desenvolvido.

“A neurose não é apenas algo negativo, mas também algo positivo. Só mesmo um racionalismo que nega a alma é capaz e, de fato, deixa de reparar nisso, apoiado na limitação de uma visão de mundo meramente materialista. Na realidade, a neurose contém a alma do doente, ou ao menos uma parte muito essencial dela. Se a neurose, de acordo com o propósito racionalista, pudesse ser extraída, como um dente estragado, o doente não ganharia nada com isso, ao contrário, teria perdido algo essencial. Assim como um pensador que tivesse perdido a dúvida quanto à verdade de suas conclusões, como uma pessoa moralista para quem a tentação deixasse de existir ou para uma pessoa corajosa que fosse privada da existência do medo. Perder uma neurose significa tanto quanto tornar-se supérfluo, a vida perde seu cume e com isso, o sentido” (JUNG, 1993 [1934], § 355).

Seguindo nesse raciocínio Jung cria uma teoria criativa da neurose que, segundo ele admite, pode ser uma pulsão voltada para o autoconhecimento e a auto-realização.

*“O doente não tem de aprender como se livrar de uma neurose, mas, sim, como suportá-la. Pois a doença não é uma carga supérflua e sem sentido, mas é sim, o próprio doente; ele mesmo é o “outro” que por comodismo infantil, por medo ou por outra razão qualquer, sempre procurou excluir. Deste modo, como afirma acertadamente FREUD, fazemos do eu um “lugar de ansiedade”, o que nunca aconteceria se não nos defendêssemos neuroticamente contra nós mesmos”* (JUNG, 1993[1934],§ 360).

Com o tempo, Jung passou a se referir ao medo apenas como emoção e não mais como neurose. Podemos usar esse mesmo raciocínio, para falarmos do medo e da importância de sua compreensão para a individuação.

Ramos (2006) fala sobre o desenvolvimento do processo simbólico e explica que uma boa relação mãe-bebê possibilita o desenvolvimento da capacidade de simbolizar. O adulto que não desenvolveu esta capacidade deve ter vivido uma relação com o materno de maneira insuficiente. E continua:

“Deste modo, o medo – ou qualquer outra excitação -, em vez de se transformar em processo mental, fixar-se-ia no plano físico. A excitação não contida não pode ser representada no plano consciente e traduzida verbalmente. Ela não é compreendida, ou seja, não lhe é dado um significado; portanto, permanece somente como sensação corporal desagradável de apreensão e angústia.”  
(RAMOS, 2006, p.59)

Isto explica alguns casos onde “o paciente se queixa de sintomas orgânicos sem se dar conta de que eles se referem a determinado sentimento conflitivo”. (RAMOS, 2006, p.61). Ramos ainda afirma que uma pessoa com um conflito reage neuroticamente, enquanto outras reagem de forma somática.

Quando o medo é projetado em objetos ou situações específicas, não consideradas ameaçadoras, podemos considerá-lo uma fobia. Os objetos fóbicos são carregados de elementos simbólicos. Jung (2000) diz que a atividade inconsciente também pode ser observada através dos sintomas fóbicos.

“É nos estados patológicos que podemos encontrar os exemplos clássicos da atividade psíquica inconsciente. Quase toda a sintomatologia da histeria, das neuroses compulsivas, das fobias e, em grande parte, da esquizofrenia, [...] tem suas raízes na atividade psíquica inconsciente. Por isso estamos autorizados a falar de uma alma inconsciente” (JUNG, 2000[1919],§297).

Jung (1978) considera que os sintomas fóbico-ansiosos têm motivos para se fazerem presentes, pois se referem à completude do indivíduo que deles padece, ou seja, tem a ver com sua individuação, com sua busca de tornar-se si mesmo.

## 4 – O MEDO NAS OBRAS COLIGIDAS DE JUNG

Ao fazermos uma revisão da literatura sobre o medo, nas obras coligidas de Jung, observamos grande quantidade de citações referentes ao medo e, também, que é um assunto importante na compreensão do desenvolvimento da psique.

No processo psicológico, medo é uma emoção sempre presente, expresso em muitas dificuldades, que aprisionam e dificultam o caminho da individuação. O medo, objeto desta dissertação, aparece nos escritos de Jung, principalmente nos conflitos da relação consciente/inconsciente e envolvem, sobretudo, conteúdos arquetípicos e complexos.

Outros teóricos desta abordagem, como Von Franz (1999; 2003), Eric Neumann (1993), Verena Kast (1997; 2003) e outros, igualmente se debruçaram sobre este tema, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento da Psicologia Analítica.

Para que este estudo fique mais claro, é preciso ressaltar, de maneira didática, alguns conceitos da psicologia junguiana, entre tantos existentes, que ajudem na compreensão desta emoção. O objetivo não é o aprofundamento das definições levantadas, mas apenas uma sistematização que permita o conhecimento do medo como emoção, dentro da psicologia analítica, de forma mais clara, inclusive para os leitores que não conhecem a abordagem.

### **Contribuições da abordagem junguiana para o estudo do medo.**

O modelo de psique junguiano aborda duas categorias: consciente e inconsciente. A psique, a personalidade como um todo, contém todos os conteúdos, tanto conscientes como inconscientes. Em 1937, Jung escreve:

“Por psique entendo a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes como inconscientes” (JUNG, 1991, § 752)

O centro da consciência está no ego, também chamado por Jung de *complexo do ego*, que traz o senso de identidade contínua e a consciência de existir. O ego, na

verdade, organiza as impressões do mundo interno e externo, e sua função principal é a adaptação à vida.

“Entendo por *ego* um complexo de representações que ajusta o centro de meu campo de consciência e que me parece ter um alto grau de continuidade e identidade consigo próprio. Por isso falo também de *complexo de ego*. O complexo de ego é tanto um conteúdo como uma condição da consciência, pois um elemento psíquico só estará consciente para mim quando referir-se ao complexo do ego. Como o ego é o centro do meu campo de consciência, ele não é idêntico ao todo de minha psique, mas apenas um complexo entre muitos outros.” (JUNG, [1937]1991, § 810 ).

O aspecto externo é representado pela *persona* (máscara em latim), aspecto arquetípico da personalidade que ajuda o indivíduo na adaptação social. Grinberg (2003) define *Persona* como:

“Arquétipo que utilizamos para nos apresentarmos ao mundo e aos outros. É um canal de expressão de nossa individualidade, sendo extremamente útil à nossa adaptação coletiva e no relacionamento com outras pessoas. Torna-se inadequada quando, para esconder nossa sombra (pólo oposto), a empregamos de forma unilateral e rígida”. (GRINBERG, 2003, p.229)

O ego nasce, a partir do *Self* (si mesmo), o centro do psiquismo. Assim, para Jung, o inconsciente e o consciente são considerados parte da psique.

“... o ego ao nascer está imerso na totalidade do *Self*, sem haver discriminação entre o eu e o não eu. O estado pré-egóico é o estado paradisíaco, unitário, não dividido. O surgimento da consciência vem da ruptura dessa totalidade indiscriminada. Lentamente, certos conteúdos do inconsciente vão se separando e formando a consciência”. (Ramos, 1994, p.14).

O desenvolvimento psicológico, dentro da visão junguiana, segue um caminho de diferenciação entre ego e self, entre consciente e inconsciente, que partem de um todo e tornam-se polos opostos para depois unirem-se novamente.



Segundo Jung (1991[1993], p.426) “utilizo o termo ‘individuação’ para indicar o processo por meio do qual uma pessoa se torna um indivíduo psicológico, uma *unidade*, *um* todo separado e indivisível”.

A meta da individuação é a autoconsciência, é unir os pólos opostos consciente/inconsciente do eixo ego-self, após um processo onde o ego nasceu, cresceu e se desenvolveu. A individuação une essas duas polaridades, para que o indivíduo torne-se individuado, isto é, não dividido. (Ruby; 1998). A conscientização de alguns aspectos da Sombra faz parte do processo de individuação que, por se opor à Persona, traz aspectos sombrios da personalidade e representa a parte obscura, inferior e indiferenciada da psique.

O inconsciente, para Jung, é um conceito exclusivamente psicológico, “que abrange todos aqueles conteúdos ou processos psíquicos não-conscientes, isto é, que não se relacionam de modo perceptivo com o ego” (JUNG, 1991[1937], p.424). É de onde flui a vida e divide-se em pessoal e coletivo.

Faria (2003) descreve o inconsciente segundo a Psicologia Analítica:

“Para além da consciência, que Jung compara com uma película que recobre a vastidão do inconsciente, temos o inconsciente pessoal, que muitas vezes o autor denominou de *sombra*. No inconsciente pessoal estão os conteúdos que foram constituídos na vivência pessoal do indivíduo, mas que foram esquecidos por se tornarem energicamente fracos, ou por terem sido reprimidos. Para a Psicologia Analítica, no entanto, o inconsciente não se reduz ao pessoal. À medida que nos afastamos da consciência, penetramos numa região mais inacessível, em que se colocaria o mundo arquetípico, o inconsciente coletivo, fonte das possibilidades humanas, composto de estruturas inerentes ao ser: os arquétipos.” (FARIA, 2003, p.30)

O Inconsciente coletivo pode ser comparado a uma usina geradora de símbolos, a serviço da ampliação da consciência. “O inconsciente junguiano não é apenas o lugar do reprimido, mas também uma fonte de possibilidades criativas” (FARIA, 2003, p.32)

“O inconsciente apenas parece ser uma força destrutiva quando o ego assume uma unilateralidade exagerada. Conseqüentemente, pelo princípio da auto-regulação psíquica realizada pelo *Self*, o ego pode ser invadido por imagens e emoções

amedrontadoras e avassaladoras, cujo objetivo último, no entanto, é o de acordá-lo para uma transformação.” (FARIA 2003, p.32)

As estruturas do inconsciente coletivo são os arquétipos, que são os protótipos, “as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer momento e lugar sem tradição ou migração histórica”. (JUNG, 1991, p.417).

Segundo Grinberg (2003), os arquétipos podem ser chamados também de imagens primordiais. Eles coordenam o desenvolvimento da consciência. Por um lado estão ligados a instintos (biologia, impulsos) e por outro a imagens (idéias, inspiração criativa). São bipolares, pois apresentam aspectos negativos e positivos da experiência humana. Quanto mais inconsciente um arquétipo, mais ele nos possui.

O Self (si mesmo) é o arquétipo central da psique e coordena o desenvolvimento de todos outros arquétipos. “É o centro da personalidade, da totalidade. Atua dentro da experiência do ser humano através de símbolos, imagens arquetípicas”. (JUNG, 1991, p.442).

O símbolo é um conceito importantíssimo dentro da Psicologia Analítica, e também para este estudo, pois integra a consciência e o inconsciente. Os símbolos emergem dos arquétipos constelados na relação do indivíduo como mundo e “tem por função revelar e anunciar ao indivíduo e ao coletivo as direções necessárias ao seu desenvolvimento”. (FARIA, 2003).

“Todo produto psíquico que tiver sido por algum momento a melhor expressão possível de um fato até então desconhecido ou apenas relativamente conhecido pode ser considerado um símbolo se aceitarmos que a expressão pretende designar o que é apenas pressentido e não está ainda claramente conhecido.” (JUNG, 1991)

Como podemos abordar o medo, dentro da fundamentação teórica da Psicologia Analítica?

## Medo nas Obras Coligadas de C. G. Jung – revisão bibliográfica

O estudo do medo, segundo os escritos de Carl Gustav Jung em suas obras coligadas, visa ampliar a compreensão deste fenômeno da psique, que é muito observado na prática clínica.

Os trechos associados a esta emoção, foram retirados de volumes diversos e identificados em categorias, privilegiando os conceitos mais abrangentes para uma melhor fundamentação teórica deste afeto.

Jung, em seus escritos, fala muitas vezes sobre o medo, um sintoma, para ele, de um distúrbio originário, principalmente, do conflito entre os opostos consciente/inconsciente. Esse conflito aparece em fases diferentes do desenvolvimento da personalidade e é interessante observar como o medo do inconsciente permeia diversos distúrbios do desenvolvimento.

No volume I, *Estudos Psiquiátricos*, escrito entre 1902 e 1905, Jung faz uma primeira observação sobre o medo.

“Talvez a maioria dos histéricos que frui plenamente de seus sentidos seja doente porque possui grande massa de recordações, dotada de muita emoção e, por isso, profundamente arraigada no inconsciente; já não pode ser controlada e tiraniza a consciência do doente. [...] Os doentes procuram excluir suas emoções da vida diária; por isso, de noite elas os atormentam com sonhos ruins, e de dia os importunam com repentinos ataques de ansiedade precordial, inibem as forças de ação [...]” (JUNG, 1994[1905],§ 176).

Esse trecho, retirado do capítulo intitulado “Criptomnésia”, que significa “recordações não reconhecidas como tais” (JUNG, 1994 [1905] § 180), mostra sua preocupação com o diálogo entre consciente/inconsciente, e como a negação deste movimento pode gerar emoções aterrorizantes, como o medo precordial, aquele sentido na região do coração, do diafragma e que dificulta até a respiração.

Em *Estudos Experimentais*, volume II, Jung descreve o método das associações, desenvolvido por ele, em 1904, pelo qual, pela simples reação a uma palavra estímulo, pode-se observar a presença, ou não, de um complexo. Em decorrência desses estudos desses estudos, formulou a “teoria dos complexos”, que ocupa lugar de destaque em sua concepção geral das estruturas e processos psíquicos. Fazendo a análise de um de seus experimentos de associações, Jung observa: “Pessoas com complexos bem vivos têm muitas vezes certo medo do futuro.” (JUNG, 1997 [1904] § 675).

Este pensamento nos mostra uma primeira idéia sobre a possibilidade de aprisionamento em um estágio do desenvolvimento que ainda não está bem elaborado. O indivíduo sente-se inseguro emocionalmente e, por isso, com medo da próxima etapa da vida.

Em ensaios encontrados no volume III, *Psicogênese das doenças mentais*, Jung continua desenvolvendo sua teoria dos complexos, ressaltando o valor afetivo destes. Nesta época, Jung usava o termo afeto como sinônimo de emoção.

“A realidade dispõe de tal modo que o ciclo pacífico das idéias egocêntricas seja constantemente interrompido por idéias de forte tonalidade afetiva, os chamados *afetos*. Uma *situação de ameaça* e perigo põe à parte o jogo calmo das idéias substituindo-o por um complexo de outras idéias com tonalidade afetiva mais forte. O novo complexo desloca tudo mais para um segundo plano, e aparece, momentaneamente, como *mais evidente*, porque inibe completamente qualquer outra idéia; das idéias diretamente egocêntricas, apenas permite substituir aquelas que dizem respeito à sua situação, podendo inclusive, sob determinadas condições, recalcar as idéias contrárias mais fortes até um estado (...) de inconsciência. Ele possui agora a tonalidade de atenção mais forte.”. (JUNG, 1990 [1906], § 84)

E completa:

”Já vimos que o complexo do eu, devido à sua ligação direta com as sensações corporais, é o mais estável e rico em associações. A percepção da situação de ameaça e perigo gera medo: este é um afeto e, por conseguinte, é seguido de estados corporais, de uma complexa harmonia de tensões musculares e excitações do sistema nervoso simpático. Desse modo, a percepção encontra o caminho para

a inervação corporal, permitindo que o complexo de associações se torne logo evidente. Devido ao medo, inúmeras sensações corporais se alteram. Assim sendo, o eu normal perde a tonalidade de atenção. O eu normal deve ceder às sensações mais fortes do novo complexo, embora, em geral, sem se sujeitar a elas totalmente, permanecendo num segundo plano, como um *afeto do eu*. Isso ocorre porque mesmo os afetos muito fortes não são capazes de alterar todas as sensações que fundamentam o eu. Como a experiência cotidiana nos mostra, o afeto do eu é um complexo fraco que possui uma *força de constelação* bem inferior ao complexo afetivo.” (JUNG, 1990 [1906], § 86)

Quando a situação de perigo passa, o complexo perde sua força, mas mesmo assim, alguns componentes corporais e psíquicos permanecem presentes; “os joelhos continuam a tremer, o coração ainda bate sobressaltado, o rosto permanece vermelho, ou pálido, a sensação é de que a pessoa quase não se refez do medo” (1990 [1906], § 87). Através do teste de associação, Jung observou que, nas reações das palavras-estímulo, está presente a idéia de *inibição emocional*, “A maioria dos complexos encontra-se em estado de *repressão*, pois, geralmente, dizem respeito a segredos íntimos, delicadamente escondidos, que a pessoa não *quer* ou não *pode* revelar”. (1990 [1906], § 87). Aqui podemos encontrar a idéia de que o ego se amedronta diante do complexo e do inconsciente.

No volume VI, *Tipos Psicológicos* (1991), publicado em 1920, encontramos várias citações sobre a emoção do medo, sempre expressas nas definições dos tipos. A questão do medo aparece muitas vezes nas descrições da atitude introvertida e também nas do tipo intuitivo. Fica claro que é uma emoção que pertence à natureza humana, e, portanto, inerente a todos os seres, mas que fica mais evidente nos tipos acima descritos, por estar relacionada à função superior.

Sobre o tipo extrovertido e o medo Jung escreve:

“A diferenciação do tipo acontece, muitas vezes, bem cedo. [...] O primeiro sinal de extroversão numa criança é sua rápida adaptação ao meio ambiente e a extraordinária atenção que confere aos objetos, principalmente no que se refere à sua ação sobre eles. O medo dos objetos é pequeno. [...] aprende rapidamente, mas de modo impreciso. Parece que se desenvolve com maior rapidez do que a

criança introvertida, porque é menos reflexiva e, via de regra, não tem medo. [...] gosta de levar seus empreendimentos ao extremo e, por isso, se expõe a riscos. Tudo que é desconhecido parece atraente”. (JUNG, 1991 [1920], §961)

Ao falar sobre a criança introvertida, ressalta o receio frente aos objetos desconhecidos:

“[...] um dos primeiros sinais de introversão numa criança é sua natureza reflexiva e pensativa, seu pronunciado receio e, inclusive, medo dos objetos desconhecidos. Bem cedo se manifesta também uma tendência de auto-afirmação perante os objetos e tentativas de dominá-los. O desconhecido é olhado com desconfiança. Em geral, coloca-se forte resistência contra influências externas. A criança quer ter seu próprio caminho e, de forma alguma, aceita um caminho estranho que não consegue entender por si só. Quando faz perguntas não é por curiosidade ou sensacionalismo, mas quer nome, significados e explicações que lhe dêem segurança subjetiva em relação ao objeto. [...] na criança introvertida encontramos bem cedo a atitude de defesa característica do introvertido adulto, contra o poder dos objetos, [...] como se estes possuíssem um poder sobre ele, contra o qual precisa defender-se.(JUNG, 1991 [1920], §962 )

E descreve assim a atitude do introvertido:

“O inconsciente cuida, antes de tudo, da relação com o objeto e de tal forma a destruir completamente a ilusão de poder e a fantasia de superioridade da consciência. O objeto assume dimensões assustadoras apesar de tentativas conscientes para rebaixá-lo. Por isso, o eu se esforça mais ainda para separar-se do objeto e dominá-lo. Finalmente o eu se cerca de um sistema formal de defesas que procura preservar, ao menos, a ilusão de superioridade.”. (JUNG, 1991 [1920], § 698)

E sua relação com o objeto:

“Uma análise do inconsciente pessoal revelará uma quantidade de fantasias de poder associadas ao medo de objetos fortemente animados, aos quais o introvertido facilmente sucumbe na realidade. Desenvolve-se a partir do medo do objeto uma covardia específica de impor-se e de impor sua opinião, pois teme uma influencia mais forte do objeto. Teme afetos dos outros e mal pode conter o medo de cair

sobre uma influencia estranha. Os objetos tem para ele qualidades poderosas e aterradoras que não consegue ver conscientemente, mas que julga perceber pelo inconsciente. Como sua relação consciente com o objeto é relativamente reprimida, ela passa pelo inconsciente onde é carregada com as qualidades deste. Estas qualidades são principalmente arcaico-infantis. Por isso torna-se primitiva sua relação com o objeto, assumindo todas aquelas peculiaridades que caracterizam a relação primitiva com o objeto. É como se o objeto possuísse , então, força mágica. Os objetos estranhos e novos despertam pavor e confiança, como se trouxessem perigos desconhecido; objetos tradicionais estão como que dependurados em sua alma por fios invisíveis, toda mudança parece incômoda, quando não perigosa, pois parece significar uma animação mágica do objeto.” .

(JUNG, 1991[1920], §699)

No livro *O eu e o inconsciente*, volume VII/2, de 1928, Jung diz que não devemos supervalorizar nossa fantasia, mas “há no homem uma estranha tendência a fazê-lo, e toda a aversão contra a fantasia, assim como a desvalorização crítica do inconsciente nascem, basicamente, do medo que se tem dessa tendência.” (JUNG, 2004[1928], §352). E volta a falar do medo do inconsciente, desta vez, citando o inconsciente coletivo e o perigo da identificação com a persona.

“Quando o eu se identifica com a *persona*, o centro individual jaz no inconsciente. Ele torna-se como que idêntico ao inconsciente coletivo, porquanto toda personalidade é por assim dizer apenas coletiva. Em tais casos há sempre uma intensa força de sucção rumo ao inconsciente e ao mesmo tempo uma fortíssima resistência consciente contra isso, manifestando-se um medo da destruição dos ideais conscientes. [...] O inconsciente coletivo constitui uma parte da consciência, ao passo que uma grande parte do mundo real configura um conteúdo inconsciente. Tais pessoas sentem um medo demoníaco diante da realidade, que corresponde àquele que o homem comum experimenta diante do inconsciente.” (JUNG, 2004[1928], p.152)

Em *A energia psíquica*, volume VIII/1, de 1928, Jung fala da importância da formação de símbolos pela humanidade, “que permitiram o homem chegar à cultura” e que o “retorno à natureza devia ser acompanhado, portanto, de uma reconstituição

sintética do símbolo” (§99). Esse encontro com o homem primitivo causa temores por causa de sua natureza instintiva, tão rejeitada pelo homem consciente. Contra a força da “natureza instintiva do primitivo se levanta o princípio regulador da individuação. (...) A força integradora da individuação é tão grande, que junto aos instintos, formam um par de opostos” E completa: “Essa contradição é expressão e possivelmente também a raiz daquela tensão que chamamos de energia psíquica” (JUNG, 1983 [1928], §99).

No volume IV, *Freud e a Psicanálise* (1929) Jung expõe suas colaborações com Freud, assim como também esboça suas idéias fundamentais e diferenças de pressupostos entre sua teoria e a freudiana. O estudo “A divergência entre Freud e Jung”, apresentado em 1929, mostra as opiniões de Jung em relação á psicanálise: “o que pretendo é colocar limites à terminologia avassaladora do sexo que vicia toda discussão da psique humana e, também, colocar a própria sexualidade em seu lugar”. (JUNG, 1989[1929], §779); “É muito importante encontrar uma nova atitude ou um novo modo de vida que forneça um declive conveniente para a energia encurralada”; (JUNG, 1989[1929], §780). Um fator importante, relacionado ao medo, nesse volume, é quando ele diz:

“O psicoterapeuta não deve refugiar-se no ângulo patológico e recusar terminantemente a idéia de que a psique doente é uma psique humana que, apesar de sua doença, participa de toda vida psíquica da humanidade. Ele tem que admitir, inclusive, que o eu está doente porque foi cortado do todo e porque perdeu sua conexão com a humanidade e com o espírito. O eu é realmente o lugar do medo, como diz acertadamente Freud” (JUNG, 1989[1929], §782).

*A Natureza da Psique*, volume VIII/2, é um livro com ensaios que discute quais as maneiras pelas quais podemos nos confrontar com o inconsciente e considera esta uma questão universal e não só da psicologia. Jung fala novamente sobre a teoria dos complexos e podemos, através destes escritos, entender claramente porque causam tanto pavor, quando compreendemos o complexo como força autônoma.



“Hoje em dia podemos considerar como mais ou menos certo que os *complexos são aspectos parciais da psique dissociados*. A etiologia de sua origem é muitas vezes um chamado trauma, um choque emocional, ou uma coisa semelhante, que arrancou fora um pedaço da psique. Uma das causas mais freqüentes é, na realidade, um conflito moral cuja razão última reside na impossibilidade aparente de aderir à totalidade da natureza humana. Esta impossibilidade pressupõe uma dissociação imediata, quer a consciência do eu saiba quer não. Regra geral há uma inconsciência pronunciada a respeito dos complexos, e isto naturalmente lhes confere uma liberdade ainda maior. Em tais casos, a sua força de assimilação se revela de modo todo particular, porque a inconsciência do complexo ajuda a assimilar inclusive o eu, resultando daí uma *modificação momentânea e inconsciente da personalidade*, chamada *identificação* com o complexo. Na idade média este conceito completamente moderno tinha um outro nome: chamava-se *possessão*”. (JUNG: 2000 [1934], §204)

“A tendência de anular a realidade dos complexos, assimilando-os, prova não sua *futilidade*, mas a sua importância. É a confissão negativa do temor instintivo do homem primitivo diante de coisas obscuras, invisíveis e que se movem por si mesmas. Este **temor** manifesta-se, de fato, **no primitivo** (grifos do autor), com o chegar da escuridão da noite, do mesmo modo que entre nós é durante a noite que os complexos ensurdecidos, como bem o sabemos pelo bulício da vida, levantam sua voz com mais força, afugentando o sono ou pelo menos perturbando-o com sonhos maus.” (JUNG:2000[1934], §209)

“Os complexos, com efeito, constituem as verdadeiras *unidades vivas da psique inconsciente*, cuja existência e constituição só podemos deduzir através deles.” (JUNG, 2000 [1934], §210).

No capítulo sobre alma e morte, Jung levanta dois pontos importantes para a compreensão do medo, facilmente observáveis em nossa prática clínica: o medo da morte e o medo da vida, como podem observar no parágrafo a seguir:

“Assim como existem um grande número de jovens que no fundo, têm pânico da vida (que eles ao mesmo tempo desejam ardentemente), também existe um número, talvez ainda maior de pessoas idosas que tem o mesmo medo em relação à morte. Tenho observado que aqueles que mais temem a vida quando jovens são justamente os que mais têm medo da morte quando envelhecem. Quando são jovens dizemos que eles opõem uma resistência infantil às exigências normais da

vida, mas deveríamos dizer a mesma coisa quando são velhos, ou seja, que eles têm medo também das exigências normais à vida”. (JUNG, 2000[1934], §797)

Em *Psicologia e Religião*, volume XI/1 de 1939, Jung discute o fator religioso, em seu contexto universal, e considerou o fenômeno da experiência religiosa, uma vivência psicológica bastante significativa. Considera que “esse fenômeno pode ser reconhecido como conteúdos arquetípicos da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião”. Em seus escritos, podemos perceber que faz questão de definir o que entende por religião “[...] o termo religião designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso” (JUNG, §9; [1939]1984). Não se refere à religião como profissão de fé.

“A numinosidade é, segundo Jung, a característica principal do arquétipo, uma espécie de “carga emocional que se transfere para a consciência sempre que surge uma imagem arquetípica (Briefe III, 52) (...) na psicologia dos complexos, o conceito de numinosidade expressa forte poder amedrontador das forças psíquicas” (HARK, 2000)

A experiência numinosa pode ser aterrorizadora e, podemos compará-la, com alguns transtornos psíquicos, como a neurose, que causam medo por seu poder de subjugação. Na neurose “o indivíduo sente-se derrotado por algo irreal (...) algo que é mais forte do que ele mesmo” (JUNG, 1984[1939]; §12).

“Na maioria das pessoas há uma espécie de deisidaimonia em relação aos conteúdos inconscientes. Além de todo receio natural, de todo sentimento de pudor e de tacto, existe em nós um temor secreto dos *perils of the soul* (dos perigos da alma)” (JUNG, 1984[1939], §23).

A religião ajuda, em muitos momentos, o homem, como um muro de proteção contra as forças do inconsciente. Jung considera que sem a Igreja “o homem ver-se-á despojado de todos os dispositivos de segurança e meios de defesa espirituais, que o protegem contra a experiência imediata das forças enraizadas no inconsciente, e que esperam sua libertação.” (JUNG, 1984 [1939], §85).

No volume XI/2, *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*, de 1940, Jung fala, entre outras coisas, sobre as transições das fases da vida e do desenvolvimento da psique. Discute o caráter numinoso destas mudanças, que muitas vezes aparece de forma aterrorizante, principalmente se não esclarecermos os acontecimentos da vida sob a luz de dados conscientes e inconscientes, de forma complementar.

“É evidente que nestas mudanças não se trata de fatos banais da vida cotidiana, mas de mudanças que afetam o destino do homem. Semelhantes transições, em geral, têm um caráter *numinoso*: são ensinamentos, iluminações, comoções, reveses, experiências religiosas, isto é, místicas, ou outro fator de natureza semelhante. O homem moderno tem noções de tal modo confusas acerca do que seja a “vivência mística”, ou um medo tão racionalista da mesma, que, em certos casos, desconhece a natureza de sua experiência e repele ou recalca seu caráter numinoso, o qual é tratado como um fenômeno obscuro e irracional, ou mesmo patológico. Estas interpretações errôneas se baseiam numa realização insuficiente e numa compreensão defeituosa das grandes conexões que, de modo geral, só esclarecem plenamente quando os dados da consciência se acrescentam também os dados do inconsciente. Sem estes, muitas lacunas permanecem em aberto na série de experiências da vida de um homem e com elas são freqüentíssimas as ocasiões de racionalizações insatisfatórias. Quando existe uma tendência, por ligeira que seja, para a dissociação, ou uma fleuma com inclinação para um estado habitual de inconsciência, pode-se preferir as falsas causalidades á verdade.” (JUNG, 1979[1940], §274).

A emoção latente nos períodos de transição é uma experiência de caráter numinoso, que por ser irracional é responsável, muitas vezes, pelo temor da perda da consciência, medo de estar possuído, medo dos fantasmas do inconsciente.

Em 1916, Jung publicou *Psicologia do Inconsciente*, volume VII/1 das obras completas, que foi revisto e ampliado em 1942. Jung nos fala sobre a psicologia do inconsciente, e dentro dela da neurose e suas funções. Ressalta que em muitos casos observados, a vida só fez “sentido graças a uma neurose, que impedia a pessoa de cometer todas as asneiras decisivas da vida, obrigando-a a levar uma existência que desenvolvesse seus germes preciosos, que teriam sido sufocados caso a neurose, com

mãos de ferro, não a tivesse colocado em seu devido lugar” (JUNG, 1983 [1942], §68) e cita Nietzsche, que reconheceu que devia tudo a sua doença.

Jung coloca o tema dos opostos, o conflito entre consciente e inconsciente, como fator que facilita o desenvolvimento da consciência, o ideal sobre-humano.

“O problema dos opostos como principio inerente à natureza humana constitui uma etapa a mais no desenvolvimento do nosso processo de autoconhecimento. [...] Comumente as neuroses infantis são produzidas por um choque entre as forças da realidade e uma atitude infantil insuficiente, caracterizada, em sua causa, por uma dependência anormal de pais reais ou imaginários [...] mas existem muitas neuroses que só aparecem na idade madura ou que se agravam de tal forma que os pacientes se tornam incapacitados para o trabalho [...] nestes casos é fácil comprovar que em sua juventude já existia uma excessiva dependência dos pais.” (JUNG, 1983 [1942], §88).

E ressalta a importância da vivência do conflito entre opostos, como fatores necessários ao equilíbrio, num sistema de auto-regulação que é a psique.

No volume XVII, *O Desenvolvimento da Personalidade*, Jung fala sobre psicologia infantil, seus ganhos e dificuldades. Podemos observar através do quarto prefácio, de 1945, como foi, com o tempo, reformulando e atualizando seus estudos nessa área. Para falar da Psicologia Analítica voltada para crianças, em conferências proferidas em Londres, Jung fala de seus trabalhos que contribuíram para o desenvolvimento da psicologia, entre eles o estudo dos complexos de carga emotiva, causadores de muitas perturbações psíquicas. Cita também Freud, ressaltando o valor da descoberta do inconsciente e a metodologia para explorá-lo.

Nestas conferências ficam claras as suas preocupações com o desenvolvimento da personalidade e com a psicologia infantil e, como podemos falar de individuação desde os primeiros momentos da vida psíquica.

Para a presente pesquisa, é importante destacar o momento onde Jung fala sobre o desenvolvimento da consciência e o medo humano do desconhecido:

“Ao estudar a história da mente humana, impõe-se-nos sempre de novo a impressão de ser um fato real que o desenvolvimento do espírito se acha sempre

unido a um alargamento do âmbito da consciência, e que cada passo adiante representa uma conquista extremamente repleta de dor e de esforço. Poder-se-ia quase afirmar que nada é mais odioso para o homem do que renunciar a uma parte do seu inconsciente, por menor que ele seja. O homem sente um temor profundo diante do desconhecido. (...) Se até o adulto, considerado como maduro, teme o desconhecido, por que então não deveria hesitar uma criança em dar um passo à frente, em direção do desconhecido?” (JUNG, 2002[1945], §146).

A idéia de temor diante do novo pode explicar, entre outros aspectos do desenvolvimento emocional, situações de simbiose, como veremos no próximo capítulo. “Como apegar-se demasiadamente aos pais é desnatural e doentio, assim também o medo excessivo diante do desconhecido é igualmente doentio.” (JUNG, 2002[1945],§146).

O volume V, *Símbolos da transformação*, de 1950, é uma edição revista e ampliada da primeira publicação, em 1911. É uma referência nos escritos de Jung, considerado por ele mesmo, no prefácio à quarta edição, como “um marco, colocado no lugar onde dois caminhos se separam” (p.XIV). Foi considerada a primeira obra maior, escrita depois de seu encontro com Freud.

A importância desse volume, neste estudo, se deve ao fato de relatar o caso de Miss Miller, um exemplo típico das manifestações do inconsciente, e também, por conter textos que discutem a transformação e regressão da libido, o medo da loucura, da morte e também da vida.

No capítulo intitulado, *O canto da mariposa*, podemos acompanhar a discussão de um caso onde o medo do desconhecido, do inconsciente e do desejo, pode levar o neurótico a desistir da vida, cometendo o que Jung chamou de um suicídio parcial.

“O desejo apaixonado tem dois lados: é a força que tudo exalta e, sob determinadas circunstâncias, também tudo destrói. É compreensível assim que um desejo ardente já venha em si acompanhado de medo, ou que seja seguido ou anunciado por medo. A paixão acarreta destinos e com isso cria situações irrevogáveis. Impele a roda do tempo para frente e imprime na memória um passado irreparável. O medo do destino é por demais compreensível: ele é imprevisível e ilimitado; encerra perigos desconhecidos, e a hesitação do neurótico em tentar a vida explica-se facilmente pelo desejo de ficar de lado, para não ser

envolvido na perigosa luta. Quem renuncia a façanha de viver, precisa sufocar dentro de si mesmo o desejo de fazê-lo, portanto cometer uma espécie de suicídio parcial. Isto explica as fantasias de morte que freqüentemente acompanham a renúncia ao desejo.” (JUNG, 1986[1950], §165)

Neste mesmo volume, Jung fala sobre o medo do mundo interno, que muitas vezes pode ser mais pavoroso que o do mundo externo, principalmente quando negado. É o temido encontro com o inconsciente.

“Mas a realidade externa não é a única fonte de medo que cerceia os instintos; o homem primitivo muitas vezes teme ainda mais uma realidade “interna”, o mundo dos sonhos, das almas do outro mundo, dos demônios e deuses, e também dos feiticeiros e bruxas, embora nosso racionalismo pense poder eliminar esta última fonte de medo apontando sua irrealidade. Trata-se, no entanto de realidades psíquicas internas, cuja natureza irracional não é influenciável por raciocínios lógicos.”. (JUNG, 1986 [1950], §221)

Jung disse que, mesmo com o esforço racional de avaliação, “a realidade interna é e será uma fonte de medo genuína, que se torna tanto mais perigosa quanto mais for negada” (1986[1950]; § 222). A emoção, nesse caso, é mais poderosa do que o pensamento.

Podemos observar nos três parágrafos abaixo, o medo sob a ótica das transformações da libido, da regressão e progressão, aprisionando ou libertando o indivíduo no caminho da individuação.

“A libido progressiva, que domina o consciente do filho, exige separação da mãe; mas a isto se opõe a saudade da criança pela mãe sob a forma de uma resistência psíquica, que na neurose se expressa através de inúmeros temores, isto é, o medo da vida. Quanto mais o indivíduo foge à adaptação tanto mais aumenta seu medo, que então o acomete em todas as oportunidades e em grau cada vez maior, impedindo-o. O medo do mundo e dos homens causa um recuo maior, num círculo vicioso, o que leva ao infantilismo e à volta “para dentro da mãe” (JUNG, 1986[1950], §456)

“O medo da vida não é um fantasma imaginário, mas um pânico muito real que só parece tão insignificante porque sua verdadeira origem é inconsciente e por isso projetada: a jovem parcela da personalidade que é impedida e retida diante da vida

produz medo e transforma-se em medo. O medo parece vir da mãe, mas na realidade é o medo mortal do indivíduo instintivo, inconsciente, que, em consequência do contínuo recuo diante da realidade, está excluído da vida”. (JUNG, 1986[1950], §457)

“O espírito do Mal é o medo, a proibição, o antagonista que se opõe à vida que almeja duração eterna assim como a toda grande ação isolada, que instila no corpo o veneno da fraqueza e da idade através de traiçoeira picada de serpente; ele é toda tendência ao retrocesso, que ameaça fixar-se na mãe, bem como dissolver e extinguir o inconsciente. Para o indivíduo heróico, o medo é um desafio e uma missão, pois só a audácia pode libertar do medo. E quando o homem não ousa, alguma coisa se rompe no sentido da vida e todo o futuro está condenado a uma mediocridade vã, a um crepúsculo iluminado só por fogos-fátuos.” (JUNG, 1986[1950], §551)

O medo da vida e o medo da morte, podem também explicar situações de relação simbiótica entre mãe e filho, a necessidade da interdição paterna e, também, o medo de crescer presente no *Puer Aeternus*.

“A separação do filho de sua mãe representa a despedida do homem da inconsciência do animal. Só pela intervenção da proibição do incesto pode surgir o indivíduo cômico de si mesmo, que antes de modo irreflexivo se identificava com a parentela como uma coisa só. Só assim nasceu a idéia de morte individual e definitiva. Deste modo, pelo pecado de Adão, que consistiu justamente na conscientização, a morte entrou no mundo. O neurótico que não consegue separar-se da mãe tem boas razões: afinal é o medo da morte que o prende a ela. (...) Provavelmente deve-se considerar a lei, que em última análise e originalmente se exprime como “proibição do incesto”, como obrigação a domesticação” (JUNG, 1986 [1950], §415)

Aqui encontramos relações entre o medo e as dificuldades de adaptação ao mundo real. A idéia é que o indivíduo sente-se mais seguro permanecendo em um estágio mais conhecido e, portanto, mais seguro, dificultando a separação do mundo da mãe. Daí importância da interdição paterna, que ajuda na separação mãe-filho e transmite segurança suficiente para uma boa adaptação.

*Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, volume IX/1 (1954), é um livro onde Jung desenvolve os conceitos de arquétipos e inconsciente coletivo, que são fundamentais para a compreensão das idéias da psicologia analítica. Para o nosso estudo, vale ressaltar o que ele falou sobre o medo nesse volume.

O medo das emoções do inconsciente é tão forte, que obrigou o homem civilizado a desenvolver a consciência.

“Mal o inconsciente nos toca e já o somos, na medida em que nos tornamos inconscientes de nós mesmos. Este é o perigo originário que o homem primitivo conhece instintivamente, por estar ainda tão próximo deste pleroma, e que é objeto de seu pavor. Sua consciência ainda é insegura e se sustenta sobre pés vacilantes. Ele ainda é infantil, recém saído das águas primordiais. Uma onda do inconsciente pode facilmente arrebatá-lo e ele se esquecer de quem era fazendo coisas nas quais não se reconhece. Por isso, os primitivos temem os afetos (emoções) descontroladas, pois nele a consciência submerge com facilidade, dando espaço à possessão. Todo o esforço da humanidade concentrou-se por isso na consolidação da consciência. Os ritos serviam para esse fim, assim como as *représentations collectives*, os dogmas; eles eram os muros construídos contra os perigos do inconsciente, os *perils of the soul*. O rito primitivo, consiste, pois, em exorcizar os espíritos, quebrar feitiços, desviando dos maus agouros; “. (JUNG, 2001[1954], §47)

No capítulo sobre o simbolismo da mandala, Jung, fala de seus significados e suas funções, entre as quais podemos destacar a protetora, a terapêutica e a organizadora, importantes em situações desordenadas e conflitivas. “Trata-se de *Yantras* no sentido indiano, isto é, de instrumentos de meditação para mergulhar em si mesmo (...) Ao mesmo tempo, as *Yantras* servem ao estabelecimento da ordem interior, encontrando-se por isso freqüentemente em série de imagens; aparecem logo depois de estados caóticos, desordenados, conflitivos ligados ao medo” (JUNG, 2001 [1950] §710).

*AION- Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*, volume IX/2, de 1959, Jung fala sobre o self, o bem, o mal, a sombra conceitos amedrontadores relacionados à psique humana. Para falar sobre medo do inconsciente, destacamos o seguinte trecho, que



relata a grande façanha que é vencermos os temores e que esta experiência é importantíssima, mas não a única no processo de individuação, que envolve muitos movimentos internos.

“É muito maior do que se imagina o número de pessoas que têm medo do inconsciente. Tais pessoas têm medo até da própria sombra. Quando se trata da anima e do animus, este medo cresce até se transformar em pânico. A sizígia (animus-anima) representa, na realidade, aqueles conteúdos de uma psicose (e de modo claríssimo nas formas paranóides da esquizofrenia). O próprio fato de vencer tal medo, quando isso ocorre, já representa uma façanha moral extraordinária, mas não é a única condição a ser satisfeita no caminho que conduz à verdadeira experiência do si-mesmo.” (JUNG, 1988 [1950], §62).

No volume XIII, *Estudos Alquímicos*, de 1954, Jung relaciona imagens do inconsciente e símbolos da alquimia. Os textos que resultaram destes estudos trouxeram muitos mal-entendidos, mas aos poucos suas palavras puderam ser mais compreendidas, quando Jung relaciona alquimia e individuação, como parte do processo de autoconhecimento da psique humana. Jung (2003) explica no prefácio: “A alquimia medieval representa o traço de união entre a gnose e os processos do inconsciente coletivo que podem ser observados no homem de hoje.”.

Através de estudos de outras culturas e sua filosofia, Jung pôde fazer paralelos para uma melhor compreensão de um de seus principais pressupostos, o inconsciente coletivo.

[...] assim como a anatomia do corpo humano é a mesma, apesar das diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum, que ultrapassa todas as diferenças de cultura e de consciência. A este substrato dei o nome de *inconsciente coletivo*. A psique inconsciente, que é comum a toda a humanidade, não consiste apenas de conteúdos aptos a se tornarem conscientes, mas de predisposições latentes a reações idênticas.”. (JUNG, 2003 [1954], §11)

Jung (2003[1954]; §12, p.21) considerava que “todas as representações e ações conscientes desenvolveram-se a partir destes protótipos inconscientes, e continuam ligadas a eles.” Para ele, quando o ego não atingiu seu maior desenvolvimento, depende

“mais do instinto do que da vontade consciente, e mais do afeto do que do juízo racional” (p.21). Quando isso ocorre, pode ocorrer a desadaptação em situações que “exijam um esforço moral mais alto” (p.21). Aqui podemos observar que o conflito consciente/inconsciente, tem uma função de manter o ser humano num campo mais conhecido, portanto mais seguro. Sabemos que o homem, em seu processo de individuação precisa do outro para sobreviver física e psicologicamente. Para isso o ego coloca na sombra o desejo ameaçador para a vida em grupo. A moral pode ser considerada um processo adaptativo, derivado da ampliação da consciência.

“Os instintos bastam apenas para um tipo de natureza que permanece mais ou menos invariável. O indivíduo que depende de um modo preponderante do inconsciente, e é menos propenso a escolha consciente, tem a tendência para um acentuado conservadorismo psíquico. Este é o motivo pelo qual os primitivos não mudam no decurso de milênios, sentindo medo diante de tudo o que é estranho e incomum. Tal característica poderia levá-los a desadaptação e, portanto, aos maiores perigos anímicos, isto é, uma espécie de neurose. Uma consciência mais elevada e mais ampla, que só surgirá mediante a assimilação do desconhecido, tende para a autonomia, para a revolta contra os velhos deuses, os quais não são mais do que as poderosas imagens primordiais a que a consciência se achava subordinada.

Quanto mais poderosa e independente se torna a consciência e, com ela, a vontade consciente, tanto mais o inconsciente é empurrado para o fundo, surgindo facilmente a possibilidade de a consciência em formação emancipar-se da imagem primordial inconsciente”. (JUNG, 2003 [1954], §12, 13).

O perigo para a psique é quando ocorre um desenvolvimento unilateral, em que os instintos ficam atrofiados. A consciência fica “desenraizada”, podendo sucumbir a uma neurose, numa tentativa psíquica de se restabelecer o equilíbrio. O desenvolvimento que ocorre com sabedoria, não segue à risca as realizações culturais, não se afasta totalmente das imagens primordiais. O desafio é o equilíbrio entre as duas forças: consciente e inconsciente. Jung encontrou em filosofias orientais, como por exemplo, o *I Ching*, a valorização do equilíbrio entre os opostos.

O entendimento desses conflitos, a compreensão do que está dissociado na alma, a formulação de um “sentido” e a integração desses conteúdos é terapeuticamente eficiente nas perturbações psíquicas.

Jung observa que o processo se desenvolve da seguinte maneira:

“No decurso do desenvolvimento, em particular a partir da puberdade, conteúdos afetivos, tendências, impulsos ou fantasias reclamam suas exigências, em face de um consciente que por todos os motivos do mundo não quer ou não pode mais assimilá-los. Este reage pela repressão que toma diversas formas, a fim de livrar-se desses intrusos desagradáveis. A regra, neste caso, é que quanto mais o consciente toma uma atitude negativa, isto é, que quanto mais ele resiste, desvaloriza as exigências e experimenta a angústia, mais a expressão que reveste o conteúdo psíquico dissociado se torna desagradável, agressiva e terrível” (JUNG; 2003[1954];§464).

*Mysterium Coniunctionis*, volume XIV, de 1954, é um volume das obras coligadas, em que Jung aprofunda seus conhecimentos sobre a alquimia e relaciona a problemática da união dos opostos à psicologia do inconsciente. Em *Estudos sobre psicologia analítica*, Jung fala da idéia de reconciliação de opostos, tão importante em sua teoria, e que foi confirmada no manuscrito sobre alquimia chinesa – *Segredo da flor de ouro*:

“O *opus* alquímico pode ser compreendido como uma maneira de simbolizar a transformação da personalidade através da combinação e fusão dos componentes nobres com os comuns, de funções diferenciadas com funções inferiores, do consciente com o inconsciente”. (JUNG 1985, [1954] §360)

Grimberg (2003) comenta que “o manuscrito (*Segredo da flor de ouro*) trazia a idéia de reconciliação dos opostos, um dos aspectos centrais tanto da filosofia hindu quanto do zen-budismo” (2003, p.50). Essa idéia de equilíbrio entre os opostos é fundamental na compreensão do trabalho terapêutico de Jung. “No processo de realização da identidade profunda do indivíduo, os elementos conscientes e inconscientes reconciliam-se e são integrados na consciência, transformando a atitude do sujeito.” (p.50)

No capítulo III, “*A personificação dos opostos*”, Jung encontrou elementos que o ajudam a entender porque o inconsciente é tão temido.

“Não será difícil reconhecer nessas alusões dos alquimistas certo perigo que está ligado ao inconsciente, seja ele real ou apenas incutido pela fantasia. O inconsciente adquiriu má reputação nesse sentido, não talvez porque ele fosse perigoso em si, mas por existirem casos de psicose latente que apenas precisam de algum impulso para a manifestação explosiva da catástrofe. Já basta para isso o assumir o status praensens (estado presente ou atual) ou o tocar em algum complexo. O inconsciente também é temido, isto sem dúvida por aqueles cuja posição de espírito consciente está em contradição com a sua própria natureza. É natural que nesse caso os sonhos freqüentemente tomem forma desagradável e ameaçadora, pois a natureza violentada sabe vingar-se.” (JUNG; 1985[1954],§178)

E explica que, para um ego mais estruturado, o inconsciente não representa tanto perigo, pois consegue defender-se de uma provável invasão inconsciente.

“O inconsciente é diferente em si mesmo e normalmente funciona como uma compensação para a consciência. No inconsciente se acham os opostos como que adormecidos lado a lado; unicamente por meio da consciência é que eles são separados com violência; quanto mais parcial e forçado for o ponto de vista da consciência, tanto mais perigosa e penosa será a reação do inconsciente. Para uma vida consciente solidamente fundamentada não há nenhum perigo do inconsciente. Entretanto onde exista não apenas uma parcialidade espasmodicamente forçada e mantida com teimosia, mas também certa fraqueza de julgamento, neste caso pode ser perigosa a aproximação e a invasão súbita do inconsciente, por provocar inflação perigosa, confusão e pânico, pois um dos perigos mais próximos consiste na identificação com as figuras do inconsciente. Havendo, porém, ainda instabilidade da disposição psíquica, pode isto equivaler a uma psicose.” (JUNG; 1985[1954],§178)

O processo de compreensão psicológica, nessa união entre opostos, que facilita a individuação, passa pela incorporação da sombra, muitas vezes relacionada ao lado escuro da lua ou a lua nova. Clarear o sombrio é necessário para o desenvolvimento psicológico, e causa medo, pois nesse momento deixamos de colocar a culpa no outro, impedimos a projeção da sombra. (JUNG; 1985 [1954], §196). É muito comum a relação consciência/luz e seu oposto inconsciência/escurecimento, privatio lucis (privação da luz), “inconsciente”.

“Quando a consciência se aproxima do inconsciente, não apenas ela experimenta o choque e o abalo, mas também penetra nas trevas do inconsciente um pouco de luz da consciência. A consequência disso é que para a consciência o inconsciente não se portará como sendo tão distante, estranho e amedrontador; com isto estará preparando o caminho para a união final.” (JUNG, 1985 [1954], §205)

Na psicoterapia o medo do inconsciente e a problemática dos opostos é tema comum. “Os conflitos de ordem moral, ética, filosófica e religiosa, que aparecem nesse momento do problema são inimagináveis” comenta Jung (1981[1957], §178), no volume XVI/1, *A prática da psicoterapia*, de 1957. Aqui é importante destacar não apenas o temor do paciente, mas também do terapeuta em função dos fenômenos da transferência. “Como ela (a psique) é principalmente uma estrutura subjetiva, por mais rigorosa que seja sua objetividade, é possível que desmorone muitas vezes ao contato com a verdade do paciente, para depois levantar-se de novo rejuvenescida por este contato” (1981[1957], §180).

O terapeuta está em constante contato com perturbações emocionais de seus pacientes e muitas vezes, são afetados por estes processos afetivos.

“Os nossos pacientes sofrem da falta de liberdade característica da neurose. São prisioneiros do inconsciente, e quando nos esforçamos por penetrar, com muita compreensão naquela esfera das forças inconscientes, temos que defender-nos das mesmas influências que fizeram sucumbir os nossos pacientes. Como os médicos que tratam de doenças epidêmicas, nós nos expomos aos poderes que ameaçam a consciência, e temos que pensar em empregar toda a nossa força para salvar não só a nós mesmos, mas também ao doente, das garras do inconsciente.” (JUNG, 1981[1957], §182).

No livro *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*, volume XVI/2 de 1957, Jung continua suas reflexões sobre a transferência e suas relações com os conteúdos inconscientes. Ressalta que, no contato com estas forças, o consciente parece desfalecer

e podemos perceber o “medo secreto da doença mental”. Angústia, também secreta, vivida pelo terapeuta.

“Mas a transferência modifica a figura psíquica do médico e isso lhe passa despercebido inicialmente: ele é afetado e, tal como o paciente, dificilmente consegue diferenciar-se daquilo que o possui. Surge então, de ambos os lados uma confrontação direta com as trevas que ocultam o elemento demoníaco. Esse encruzamento paradoxal entre o positivo e o negativo, a confiança e o medo, a esperança e a desconfiança, a atração e a resistência. (...) o inconsciente ativado apresenta-se como uma barafunda de opostos desencadeados e exige que se tente reconciliá-los.” (JUNG, 1999[1957], §375)

No volume X das obras completas, *Psicologia em transição (1957)*, Jung também fala desta emoção primordial, que é o medo do inconsciente. Os conteúdos arcaicos existentes na psique são aterrorizantes por sua própria natureza arquetípica e também, pela dificuldade que o ego tem de traduzi-los e contê-los.

“Existem certos “restos arcaicos” relacionados aos instintos que constituem suas formas arquetípicas. Sua principal característica é um medo numinoso e eventual. Essas formas são indelévels, pois constituem o próprio fundamento da psique. Nenhuma estratégia intelectual é capaz de apreendê-las e quando, por acaso, algumas de suas formas de manifestação se vê destruída, elas reaparecem numa “forma alterada”. O medo da psique inconsciente é o obstáculo mais árduo no caminho do autoconhecimento e também no entendimento e abrangência do conhecimento psicológico. Por vezes, é tamanho que nem consegue confessá-lo.” (JUNG, 1993[1957], §530)

*A Vida Simbólica*, volume XVIII, traz idéias expostas em várias conferências proferidas por Jung, ao longo dos anos, com os principais fundamentos de sua psicologia.

Encontramos uma grande contribuição para o estudo do medo quando Jung fala sobre sonhos e símbolos em 1961, pouco antes de falecer:

“A função geradora de símbolos de nossos sonhos é uma tentativa de trazer nossa mente original de volta à consciência, onde ela nunca esteve antes e nunca se submeteu a uma auto-reflexão crítica. Nós fomos esta mente, mas nunca a conhecemos. Nós nos livramos dela, antes mesmo de a compreendermos. Ela brotou de seu berço e raspou suas características primitivas como se fossem cascas incomodadas e inúteis. Parece até que o inconsciente representou o depósito destes restos. Os sonhos e seus símbolos referem-se constantemente a eles como se pretendessem trazer de volta todas as coisas velhas e primitivas das quais a mente se livrou durante o curso de sua evolução: ilusões, fantasias infantis, formas arcaicas de pensar e instintos primitivos. Este é na verdade o caso, e ele explica a resistência, até mesmo o horror e medo que alguém é tomado quando se aproxima de conteúdos inconscientes.(...) Esses conteúdos são carregados de tal emoção que são mais do que simplesmente incômodos. Produzem até mesmo pânico e, quanto mais reprimidos forem, mais perpassam toda a personalidade na forma de uma neurose.” (JUNG, 1998[1961], §591).

Em os *Fundamentos da Psicologia Analítica*, volume XVIII/1, onde estão publicados os textos sobre as cinco conferências realizadas na clínica Tavistock, em 1935, Jung fala de como as emoções e os afetos se relacionam com o ego, deixando-nos compreender o lado amedrontador desta vivência que é dominadora, mas não patológica em si mesma. Nestes escritos Jung não fala diretamente sobre o medo, mas a compreensão do conceito de invasão é fundamental para a compreensão do medo do inconsciente.

Ao falar sobre as funções da consciência, Jung define dois campos que a orientam: os fatos ectopsíquicos e endopsíquicos. O primeiro relaciona o os conteúdos da consciência com fatos do meio-ambiente, são as funções sensação, intuição, pensamento e sentimento. A função dominante é que dá à pessoa sua particularidade psíquica. A endopsique é, por outro lado, “o sistema de relação entre os conteúdos da consciência e os processos desenrolados no inconsciente”. (JUNG, 1983 [1935],§20).

“Os pontos que acabamos de tratar regem ou auxiliam nossa orientação consciente no relacionamento com o ambiente, mas não se aplicam às coisas situadas, por assim dizer, abaixo do ego, que é apenas um segmento de consciência flutuando num oceano de coisas obscuras. As coisas obscuras são as interiores.”. (JUNG, 1983[1935], §37)

A endopsique fica no *mundo das sombras*, e também pode ser entendida por suas funções. A primeira função é a *memória* “que é a faculdade de reproduzir fatores inconscientes” (§39). A segunda, Jung chamou de *componentes subjetivos das funções inconscientes*, que são reações subjetivas inadmissíveis, que preferimos deixar na sombra. O terceiro fator endopsíquico está no campo das *emoções e dos afetos*. “Numa emoção somos empurrados, arremessados. O ego decente se anula sendo substituído por alguma outra coisa”. A pessoa sente-se “possuída”. (§42).

“O primitivo não diz que a raiva ultrapassou todas as medidas, diz que um espírito o tomou e o transtornou por completo. Algo semelhante se dá com as emoções; somos simplesmente possuídos, tornamo-nos irreconhecíveis e nosso autocontrole desce praticamente a zero. É a condição em que o lado oculto do homem o domina, e ele não pode impedir que isso aconteça; pode serrar os punhos e agüentar quieto, mas não consegue fugir do ataque.” (JUNG, 1983[1935] §42).

O quarto fator endopsíquico é a *invasão* que Jung define como “quando o lado obscuro, o inconsciente tem domínio completo e irrompe na consciência.” A pessoa fica irreconhecível, alterada e é um comportamento comumente observado em neuróticos. “Apresentar emoções dominadoras não é em si patológico; é apenas indesejável” (JUNG, 1983[1935]; §43) Quando as pessoas sentem a fantasia como vivas, pode-se falar em invasão. Jung considera que são pensamentos terríveis (“eu queria picá-lo em pedacinhos”), que fazem as pessoas terem medo de si mesmas.

Para continuarmos a conhecer o pensamento de Jung sobre o medo do inconsciente, podemos fazer uma revisão bibliográfica em outros escritos de sua autoria como os encontrados nos três volumes de “*Cartas*” e também no seu livro autobiográfico “*Memórias, sonhos, reflexões*”



## **Algumas considerações sobre o medo na obra de Jung**

Ao lermos os trechos destacados nesta revisão bibliográfica sobre a questão do medo na obra de Jung, podemos observar uma espinha dorsal, isto é, um pensamento único que une as reflexões do autor: o conflito consciente/inconsciente.

Já no início de sua carreira como médico psiquiatra, em 1905, Jung considerava o medo como uma emoção profundamente arraigada no inconsciente impossível de ser controlada pelo consciente. Segundo ele, a falta de controle da consciência sobre estas forças ocultas pode gerar muita ansiedade. Quando as emoções são negadas podem aparecer nos sonhos em forma de pesadelos ou então em atividades cotidianas como ataques de ansiedade. Para ele, o medo poderia surgir do conflito entre o consciente que reprime e o inconsciente que revela.

Nesta mesma época, ao formular a teoria dos complexos, Jung esclarece que o aspecto aterrorizante do complexo é o fato dele ser considerada uma unidade viva, com força autônoma. Na identificação com o complexo pode aparecer o medo da possessão, da loucura e também das emoções que surgem inesperadamente, indicando um ego fragilizado frente aos complexos inconscientes.

O medo é inerente a natureza humana, mas ao descrever os tipos psicológicos, em 1920, Jung mostra que o intuitivo e o introvertido possuem, desde pequenos, mais tendência a sentirem medo frente ao desconhecido. Objetos estranhos e novos causam pavor e, por isso, qualquer mudança parece incômoda e perigosa.

Jung comenta que o homem civilizado precisa reprimir a sua natureza instintiva para criar cultura, formando assim, símbolos. Novamente aparece a tensão dos opostos consciente/inconsciente. Ao mesmo tempo, para poder individualizar é necessário que ocorra a integração destes. É uma grande contradição da vivência humana que pode gerar muito medo e tensão.

Ao rever a teoria dos complexos, em 1934, Jung observou que eles podiam ter origem em um trauma ou num conflito moral que inibe a natureza humana. E afirmou que só podemos verificar a existência da psique inconsciente através deles. Explicou que a força de um complexo é tão grande que, quando surge, acaba inibindo outras idéias até um estado de inconsciência. O que ele chamou de identificação com o complexo, era conhecido antigamente por possessão.

O temor às forças obscuras do inconsciente sempre existiu justamente pela capacidade de submergir à consciência. Por esse motivo, a humanidade sempre investiu no desenvolvimento da consciência. Os ritos e dogmas do homem primitivo tinham a finalidade de proteger o homem dos perigos da alma. A mandala, por exemplo, tem, entre outras, a função de proteção, contra estados caóticos.

Todos estados em que o homem se sente subjugado por forças inconscientes causam, segundo Jung, muito temor. São exemplos além dos complexos, as vivências da neurose e a experiência numinosa dos arquétipos.

Ao falar dos aspectos positivos do medo, Jung explicou que, o conflito dos opostos faz parte do processo de autoconhecimento. Durante a vida formamos símbolos que em alguns momentos precisam ser descobertos. É o movimento da psique no rumo do desenvolvimento da consciência.

Assim, no decorrer de seus escritos encontramos vários medos que aparecem sempre relacionados a aspectos inconscientes. Por exemplo, ao falar da questão do medo Jung cita também a sombra, o animus e a anima. Jung também cita o medo ao falar de energia psíquica, progressão e regressão da libido. Relacionado a estes conceitos encontramos: o medo da vida, da morte, do desejo apaixonado (que pode destruir), do destino, dos instintos, do mundo interno, do desconhecido e o medo de crescer.

São medos que, se vividos por um ego mais fragilizado, podem fazer uma pessoa desistir da vida. O trabalho terapêutico é importante neste momento porque o ego mais fortalecido transita pelo desconhecido com mais autonomia. Quando isso não ocorre o indivíduo tende resistir a mudanças.

Para desenvolver-se, o indivíduo precisa deixar o conforto e segurança da fase vivida para arriscar-se no desconhecido. É a renúncia de uma fase rumo à outra. O caminho da vida é tornar-se consciente, incorporando aspectos inconscientes.

## 5. O MEDO EM OUTROS ESCRITOS DE JUNG

### “Memórias, sonhos, reflexões” (Jung, 2006 [1961])

A biografia de Jung ajuda a compreender o desenvolvimento de sua obra. Desde pequeno, lembrava mais de experiências do que de fatos que, como ele mesmo afirma, esfumaçaram-se em seu espírito ou, então, desapareceram. O Contato com o próprio inconsciente permeia suas memórias.

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswill, às margens do lago Constance, na Suíça. Seu pai, Paul, era pastor protestante e, além da formação para o sacerdócio, havia feito doutorado em filologia e lingüística. Sua mãe, Emilie, era filha de um pastor, professor de língua e literatura.

Jung lembra que o pai “Não enfrentava as dúvidas religiosas que o atormentavam (...). O pastor temia experiências religiosas imediatas, agarrava-se à fé, amparava-se na Bíblia e nos dogmas. Jung nunca poderia aceitar tal atitude”. (SILVEIRA, p.12)

Tinha mais afinidades com a mãe, que considerava ter duas personalidades, uma mais formal e outra “investida de estranha autoridade, misteriosa” (SILVEIRA, p.12) que lhe causava medo. “A mãe padecia de distúrbios emocionais e depressões” (HALL, p.11)

Em suas memórias, podemos perceber que a idéia de Deus o fascinava intensamente, desde menino. Jung sentia Deus como uma poderosa força avassaladora, que trazia a bondade, mas, também, desespero e medo.

Os pais de Jung tinham problemas conjugais e o menino dormiu muito tempo no quarto do pai. A atmosfera noturna era muito angustiante. Ouviu muitas vezes sons misteriosos que vinham do quarto da mãe, que o perturbavam.

Alguns trechos de suas *Memórias* nos ajudarão a entender suas relações com o inconsciente e o medo que surge quando estamos frente a frente com o ao desconhecido.

Sobre acontecimentos perturbadores na infância, relata pequenas recordações de quedas, cortes e tombos. Um deles chamou mais a atenção:

[...] Minha mãe contou-me que certa vez, tendo ido com a empregada até a ponte das quedas do Reno, na direção de Neuhausen, caíra de repente e uma das minhas pernas escorregou sob o gradil. A empregada só teve tempo de me agarrar e puxar para trás. Estes fatos parecem indicar uma tendência inconsciente para o suicídio ou uma forma de resistência funesta à vida no mundo. (p.38)

Jung relata que, durante as noites, sentia alguns momentos de angústia que se tornaram mais constantes quando começou a entender melhor, as questões relacionadas à morte. Só conseguia sentir-se seguro ao lembrar uma oração, ensinada pela mãe.

“Nessa época eu sentia angústias vagas durante a noite. Aconteciam coisas estranhas. Ouvia-se incessantemente o estrondo abafado das quedas do Reno, toda a região em torno era perigosa. Homens se afogavam, um cadáver despencara do alto, sobre as rochas. No cemitério vizinho o sacristão cava um buraco revolvendo uma terra parda. Homens negros e solenes, de fraque, chapéus de uma altura incomum e sapatos pretos e lustrosos carregavam um caixão negro. Meu pai está presente, em seu traje de pastor luterano, e fala com voz ressoante. Mulheres choram. Parece que enterram alguém no fundo da cova. Depois certas pessoas que antes estavam entre nós subitamente desaparecem. Ouço dizer que foram enterradas, ou que o Senhor Jesus as chamou para junto de si.”. Minha mãe me ensinara uma oração que eu repetia todas as noites, de bom grado, pois isso me dava certo sentimento de conforto diante das inseguranças e ambigüidades da noite: Estende tuas duas asas,  
Ó Jesus, minha alegria,  
E protege teu pintinho.  
Se Satã quiser devorá-lo  
Faz cantar os teus anjinhos:  
Que esta criança fique ilesa.” (p.38,39)

Jung começou a refletir sobre Jesus e o conforto que trazia aos homens e, ao mesmo tempo, a questionar sua bondade ao descobrir que “Senhor Jesus levava consigo outras pessoas e isso equivalia para mim, pô-las num buraco cavado na terra”.

“Esta conclusão sinistra, por analogia, teve conseqüências fatais: comecei a desconfiar do Senhor Jesus. Ele perdeu seu aspecto de grande pássaro benevolente e confortante e foi associado aos homens soturnos e negros, de fraque e cartola, cujos sapatos eram pretos e lustrosos e que se ocupavam com caixões negros.” (p.39)

Estas associações levaram Jung ao seu primeiro trauma consciente, quando num verão, brincando em frente à sua casa, avistou descendo da floresta em frente, uma figura estranha usando uma longa veste negra.

“Parecia um homem usando roupa feminina. Aproximava-se lentamente e assim pude constatar que na realidade era um homem usando uma espécie de sotaina

negra que lhe chegava aos pés. Vendo-o, senti um medo que aumentou rapidamente até tornar-se pavor mortal. Configurara-se em minha mente a idéia apavorante: É um jesuíta! Pouco tempo antes, com efeito, eu ouvira uma conversa de meu pai com um de seus colegas sobre as maquinações dos jesuítas. A tonalidade emocional, meio irritada e meio angustiada dessas observações, deu-me a impressão de que os jesuítas representavam algo de particularmente perigoso, mesmo para meu pai. No fundo, eu não sabia o que significava jesuíta, embora conhecesse a palavra Jesus, aprendida na curta oração.” (p.40)

Jung pensava que se o homem estava disfarçado era porque não tinha boas intenções.

“Com um medo mortal corri a toda pressa para casa, subi a escada que levava ao sótão e me escondi sob uma viga, num canto escuro. Não sei quanto tempo fiquei lá. Não deve ter sido pouco, pois quando desci de novo, prudentemente, ao primeiro andar, e com um cuidado extremo pus a cabeça à janela, não havia nem de perto nem de longe o menor vestígio da figura negra. Entretanto, continuei durante vários dias, dominado por um medo infernal e isto me retinha em casa. A partir de então, sempre que brincava na rua, a orla da floresta constituía para mim o objeto de uma atenção intranqüila. Mais tarde, enfim, compreendi naturalmente que essa figura negra nada mais era do que um inofensivo padre católico. (p.38, 39,40).

Nesta mesma época, quando tinha três ou quatro anos, Jung teve um sonho do qual que se lembraria durante toda a vida e que relacionou ao episódio do jesuíta:

“No sonho, eu estava numa campina. Subitamente descobri uma cova sombria, retangular, revestida de alvenaria. Nunca a vira antes. Curioso, me aproximei e olhei seu interior. Vi uma escada que conduzia ao fundo. Hesitante e amedrontado, desci. Embaixo deparei com uma porta em arco, fechada por uma cortina verde. Esta era grande e pesada, de um tecido adamascado ou de brocado, cuja riqueza me impressionou. Curioso de saber o que se escondia atrás afastei-a e deparei com um espaço retangular de cerca de dez metros de comprimento, sob uma tênue luz crepuscular. A abóbada do teto era de pedra e o chão de azulejos. No meio, da entrada até um estrado baixo, estendia-se um tapete vermelho. A poltrona era esplêndida, um verdadeiro trono real, como nos contos de fada. Sobre ele uma forma gigantesca quase alcançava o teto. Pareceu-me primeiro um grande tronco de árvore: seu diâmetro era mais ou menos de cinqüenta ou sessenta centímetros e sua altura aproximadamente de uns quatro ou cinco metros. O objeto era estranhamente construído: feito de pele e carne viva, sua parte superior terminava

numa espécie de cabeça cônica e arredondada, sem rosto nem cabelos. No topo, um olho único, imóvel, fitava o alto. O aposento era relativamente claro, se bem que não houvesse qualquer janela ou luz. Mas sobre a cabeça brilhava uma certa claridade. O objeto não se movia, mas eu tinha a impressão de que a qualquer momento poderia descer do seu trono e rastejar em minha direção, qual um verme. Fiquei paralisado de angústia. Nesse momento insuportável ouvi repentinamente a voz de minha mãe, como que vinda do interior e do alto, gritando: - "Sim, olhe-o bem, isto é o devorador de homens!" Senti um medo infernal e despertei transpirando de angústia. Durante noites seguidas não queria dormir, pois receava a repetição de um sonho semelhante". (p.40)

Muito tempo mais tarde, ao tentar compreender o sonho, Jung relaciona a cova a um túmulo e o devorador de homem ao "Senhor Jesus", ao jesuíta e ao falo.

"O falo deste sonho parece, em todo o caso, um deus subterrâneo que é melhor não mencionar. Como tal, morou em mim através de toda a minha juventude e reaparecendo cada vez que se falava com demasiada ênfase no Senhor Jesus Cristo. O "Senhor Jesus" nunca foi para mim completamente real, aceitável e digno de amor, pois eu sempre pensava em sua equivalência subterrânea como numa revelação que eu não buscara e que era pavorosa." (p.42)

O "Senhor Jesus" era para Jung uma espécie de "deus dos mortos-protetor", pois, ao mesmo tempo em que expulsava os demônios da noite, era o temível representante da morte, com sua figura de um cadáver sangrento. É difícil para o ego da criança, tão pouco fortalecido e ainda muito próximo de conteúdos primordiais, lidar com questões tão complexas. O desconhecido pode se tornar ameaçador.

"Efetivamente, toda criança tem medo do homem negro, mas não era esse o ponto essencial da minha experiência; o essencial era a formulação terrível de um conhecimento que se impunha a meu cérebro de criança: "É um jesuíta." Assim também, no meu sonho, o essencial é a singular manifestação simbólica e a surpreendente interpretação do "devorador de homens". Não é o fantasma infantil do "bicho-papão" o essencial, mas o fato de que esteja sentado num trono subterrâneo feito de ouro. Para minha consciência de criança era o rei que devia sentar-se num trono de ouro; depois, num trono mais belo, mais alto e mais dourado, no céu azul longínquo, sentar-se-iam o Bom Deus e o Senhor Jesus, coroados de ouro e vestidos de branco. Mas era do Senhor Jesus que vinha des-

cendo a montanha arborizada, o "jesuíta" com seu traje preto de mulher e um grande chapéu negro. Às vezes eu me sentia compelido a olhar para aquele lado para saber se o perigo não me ameaçava de novo." (p.43)

Cinqüenta anos mais tarde, ao estudar os ritos religiosos e a antropofagia no simbolismo da comunhão, Jung percebeu a dimensão de sua idéia em relação ao "devorador de homens". Fica claro que questões tão profundas, relacionadas à vida e a religiosidade, estavam surgindo numa época precoce e, por isto, Jung menino sentia tanto medo.

"Nesse momento compreendi como era pouco infantil, como era madura e mesmo excessivamente precoce a idéia que começava a insinuar-se em minha consciência por ocasião daqueles dois acontecimentos. Quem falava em mim? Que mente ideara esses acontecimentos? Que inteligência superior estava em ação? O que falava em mim nesse tempo? Quem propunha as questões supremas? Quem reunia o alto e o baixo, estabelecendo a base de tudo o que preencheria a segunda metade da minha vida de tempestades apaixonadas? Quem perturbava a tranqüilidade e a inocência com esse pesado pressentimento da vida humana, a mais madura? Quem, senão o hóspede estrangeiro, vindo do alto e do baixo? (p. 43, 44).

Jung relata também outros momentos de medo, principalmente durante as noites.

"Descobri também outra coisa que provocou em mim uma estranha reação. Antes de contá-la, queria mencionar o fato de que a atmosfera noturna começara a adensar-se; toda a espécie de mistérios angustiosos e indecifráveis pairava no ar. Meus pais dormiam separados. Eu dormia no quarto de meu pai. Da porta que conduzia ao quarto de minha mãe vinham influências inquietantes.

De noite, minha mãe tornava-se temível e misteriosa. Uma noite vi sair de sua porta uma figura algo luminosa, vaga, cuja cabeça se separou do pescoço e planou no ar, como uma pequena lua. Logo apareceu outra cabeça que também se elevou. Esse fenômeno repetiu-se umas seis ou sete vezes. Eu tinha sonhos de angústia com objetos ora grandes, ora pequenos. Assim, por exemplo, uma bolinha distante aproximava-se pouco a pouco, tornando-se enorme, esmagadora; Ou então fios telegráficos, onde havia pássaros pousados, tornavam-se incrivelmente espessos. Minha angústia ia aumentando, até que eu despertava. (p.47)

Jung afirma que a criança intuitiva tende a sentir mais medo devido a sua própria natureza. Como defender-se de objetos e acontecimentos que ainda não podem

Aos sete anos, Jung sofreu de pseudocrupe e acordava com angustiantes acessos de sufocação. Quando aliviava a falta de ar, a angústia aparecia nos sonhos, o que o levou a concluir que “um fator psicogênico desempenhou em tudo isto um papel decisivo: a atmosfera começava a tornar-se irrespirável.” (p.48)

Quando entrou para a escola rural, Jung começou a conviver com colegas e, apesar de sentir-se alienado de si mesmo, gostava da pessoa que se tornava quando estava em grupo. “Fui percebendo cada vez mais a beleza do claro mundo diurno em que “a luz dourada do sol brinca através da folhagem verde.” (p. 48). Entrar na escola significava sair do âmbito parental para o mundo. Com a ampliação da consciência, o outro, o desconhecido e o mundo com suas leis deixam de ser algo tão ameaçador.

A convivência com outras pessoas, além dos pais, mostrou-lhe novas possibilidades, mas, ao mesmo tempo, ameaçou sua segurança interna e o medo de uma divisão interior.

“Mas eu me sentia a mercê de um inelutável mundo de sombras cheio de perguntas angustiantes e irrespondíveis. É verdade que a oração noturna me assegurava uma proteção ritual, concluindo o dia e me introduzindo convenientemente na noite e no sono. Mas um novo perigo me espreitava durante o dia. Era como se eu sentisse e tremesse um desdobramento de mim mesmo. Minha segurança interna estava ameaçada.” (p.49)

O desenvolvimento da consciência pode ser perturbado por forças inconscientes reprimidas que precisam ser incorporadas. O temor se refere á invasão do inconsciente.

Ao lermos os trechos acima podemos perceber uma infância cheia de medos, angústia, dúvidas e manifestações inconscientes. Desde muito cedo Jung conviveu com religiosos que lhe trouxeram experiências ainda não compreensíveis para o ego frágil de uma criança e que por isso mesmo tornaram-se ameaçadoras. É comum que uma criança sinta-se amedrontada frente ao desconhecido. Uma mãe frágil emocionalmente e um pai rígido preso aos dogmas, fez com que Jung, corajosamente iniciasse sozinho, sua descida ao inconsciente, ao temido mundo



desconhecido. Estas experiências, como ele mesmo menciona, lhe ajudaram mais tarde em sua vida profissional. “Minha vida é a quintessência do que escrevi e não o contrário. O que sou e o que escrevo são uma só coisa. Todas as minhas idéias e todos os meus esforços, eis o que sou.” (Jung, 2006, p.28)

## O medo nas “Cartas”

Podemos compreender muitos aspectos da obra de C. G. Jung, ao lermos sua correspondência, escritas entre 1906 e 1955, reunidas em três volumes denominados *Cartas*. A questão do medo do inconsciente aparece em algumas cartas e estão separados aqui os trechos que ajudarão a pesquisa.

O primeiro volume contém as cartas escritas entre 1906 e 1945. Nesse início, ainda ligado à escola psicanalítica, Jung escreve a Freud, em 1912, explicando suas diferentes reflexões sobre o tabu do incesto. É importante lembrar que “a concepção junguiana do incesto distingue-se muito daquela de Freud”. Jung compreendia o incesto como símbolo. O medo faz parte desta discussão. O incesto aparece como o que é interdito. O proibido aparece para inibir comportamentos regressivos quando surgem situações amedrontadoras em uma fase da vida.

“Prezado Professor Freud,

(...) No que se refere à questão do incesto, temo causar no senhor uma impressão bastante paradoxal. Ouso trazer para a discussão uma conjetura atrevida: a grande porção de medo que paira solto sobre o homem primitivo e que levou à criação das cerimônias de tabu no sentido mais amplo (totem etc.), produziu também, entre outras coisas, o tabu do incesto (melhor, o tabu de mãe e pai), não correspondendo ao valor específico do incesto *sensu strictiori*, assim como não é santo o totem de acordo com seu valor biológico. Segundo este ponto de vista, fica assim: o incesto é proibido *não porque é desejado*, mas porque o medo que paira revive regressivamente material infantil e a partir dele forma uma cerimônia de desagravo. (...) O tabu do incesto é, como o material de construção de um templo, símbolo ou portador de um significado bem mais amplo que o significado real, que tão pouco tem a ver com o incesto real (...). (JUNG, 2002, p.41 ).

Dr.Künzli, professor de filosofia da universidade da Basileia, preparando sua dissertação, troca correspondências com Jung, perguntando sobre sua opinião sobre diversos problemas de ordem psicológica. Numa correspondência, escrita em março de 1943, Jung reflete sobre a neurose e o que “um artista teria criado se não fosse neurótico”. Jung comenta:

“A pergunta se a ansiedade é o sujeito ou o objeto dos filósofos eu só posso respondê-la assim: a ansiedade nunca pode ser objeto, se não for ou tiver sido sujeito. Em outras palavras, a ansiedade como emoção nos possui sempre, por isso se diz – *lucus a non lucendo* e eufemisticamente – “eu tenho ansiedade”. O filósofo parte da ansiedade que o possui e transforma seu estado subjetivo de ser possuído, mediante a reflexão, numa percepção de ansiedade. Pergunta-se: será que se trata de uma verdadeira ansiedade ou de um eu que se caga de medo? (Compare Freud: “O eu é a sede propriamente dita da ansiedade” com Jô 28,28: “Temor do Senhor, eis a sabedoria”). O que é a “ansiedade do eu”, esta “modestamente modesta” arrogância e presunção de um deusinho em comparação com a sombra poderosa da divindade que é o temor que enche céu e terra? (JUNG,2002, p.337)

Em dezembro de 1945, Jung escreve ao pastor Dr. Fritz Buri para agradecer e comentar o livro escrito pelo mesmo – *Die religiöse Überwindung*. Discutindo sobre teologia com o pastor, tece seus comentários sobre o medo, que para ele é uma reação básica da natureza.

“Há espécies inteiras que só sobrevivem por causa do medo. O ser que perde o medo está condenado à morte. Os primitivos que são “curados” através das Missões, de seu medo natural e justificado dos demônios, degeneram. [...] Quem sempre tem medo tem razão para tanto. Não são poucos os pacientes nos quais precisamos incutir medo porque, devido à atrofia do instinto, já a possuem. A pessoa que não tem mais medo está à beira do abismo. Só podemos curar sem prejudicar uma pessoa que sofre de um medo exagerado, patológico.” (JUNG, 2002, p.403)

Continuando suas reflexões sobre o medo e teologia, Jung comenta que ao mesmo tempo as religiões libertam e causam medo, por isso encontramos indivíduos com medo de mais e outros de menos.

“Libertar do medo sem mais é completo absurdo. O que dizer do temor de Deus? Deus não impõe coisas que dão medo? [...] Nenhum medo o alerta contra os perigos do corpo e da alma? Não teme pela vida de seu filho doente? Um ser humano sem medo é um super-homem”. (JUNG, 2002, 403).

As religiões não são apenas construtoras do medo, completa Jung, e que esta emoção contribui com aspectos da natureza que os biólogos nem sempre conseguem

explicar, como por exemplo, fatos inconscientes, desconhecidos. A carta termina falando de como o terapeuta lida com o medo de seus pacientes. Esse trecho é muito importante, pois nele aparece claramente as relações entre religiosidade e inconsciente.

“Como psicoterapeuta não procuro libertar os pacientes do medo. Mas, levo-os ao motivo de seu medo, onde fica claro até que ponto ele se justifica. Se o meu paciente entende a linguagem religiosa, eu lhe digo: Não procure fugir deste medo que Deus lhe deu, mas procure suportá-lo até onde der – *sine poena nulla gratia* (sem sofrimento nenhuma graça)! Posso falar assim porque sei que sou pessoa religiosa e, além do mais, porque sei com certeza científica que meu paciente não inventou seu medo, mas que lhe foi imposto. Por quem ou por que coisa? *Pelo desconhecido*. A pessoa religiosa chama este *absconditum* de Deus; o intelecto científico chama-o de inconsciente.” (JUNG, 2002, p.404)

No volume dois, encontramos uma carta que Jung escreve em 1948, á um colega, Dr. S., comentando o ensaio “a fenomenologia dos espíritos no conto de fadas”, (OC, IX/I) e cujo texto é considerado esotérico por falar de medo e espírito.

Sobre o medo fala: “O medo é uma agressividade ao reverso. Conseqüentemente, a coisa que temos medo significa uma tarefa. Se tiver medo dos próprios pensamentos, então a tarefa é precisamente esses pensamentos.” (2002, p.113).

O espírito visto do ponto de vista psicológico é denominado como “uma qualidade, à qual estão presos certos conteúdos psíquicos, em oposição aos rótulos materiais e concretos”. (2002, p.114)

No terceiro volume, numa correspondência de 1956, Mr. Mccullen escreveu a Jung, contando que sua mãe morreu quando tinha apenas seis anos e que, desde então, sofria com medo e culpa. Um psicanalista havia dito que ele se sentia como se tivesse “engolido a mãe”.

Na carta-resposta, Jung amplia a explicação do psicanalista, relacionando o medo ao complexo materno e procura investigar qual é o significado desse sintoma para a vida ao invés de procurar a causa. A relação entre medo e adaptação insuficiente também é relevante.

“Dear Mr. McCullen,

“A perda da mãe nos primeiros anos da infância deixa muitas vezes traços em forma de complexo de mãe. A influência muito forte da mãe viva tem o mesmo efeito quando está ausente. Em ambos os casos será a causa de semelhante complexo. Uma das principais características do complexo de mãe é o fato de estarmos por demais sob a influência do inconsciente. Como o inconsciente no caso do homem, tem caráter feminino, parece então, alegoricamente falando, que ele tenha engolido a mãe. [...] No entanto, medo e sentimentos de culpa são características de tal condição; são sintomas de adaptação insuficiente, tratando-se sempre de um demais ou de menos. Além disso, fica a sensação de tarefa a cumprir e que ainda não foi cumprida. Não é possível saber a causa originária desse sintoma. A procura da causa é enganosa, pois a existência do medo continua, não porque teve início no passado remoto, mas porque existe uma tarefa pesando sobre o senhor no momento atual; e não sendo cumprida, cada dia produz de novo medo e culpa. (JUNG,2002, p.27)

Jung termina sugerindo que Mr. McCullen estudasse suas fantasias para descobrir o que fazer, porque “nossas fantasias pairam sempre no ponto de nossa insuficiência, lá onde um defeito precisa ser compensado”.

Um ano mais tarde, em 1957, Dr. Karl Otfinger, professor de direito na universidade de Zurique e fundador da “Liga contra o barulho”, pediu que Jung expusesse sua opinião sobre o problema do barulho. A resposta toca no nosso tema: “Se houvesse silêncio, o medo levaria as pessoas a refletir, e não se pode prever quantas coisas viriam à superfície da consciência.” Muitas pessoas tem medo do silêncio, por isso, quando acaba o barulho, começam a falar, assobiar, cantar, tossir. “No chamado silêncio sepulcral a sensação é sinistra.”

*“Panem et Circenses – este é o sintoma degenerativo da civilização urbana, ao qual temos que acrescentar hoje em dia o barulho enervante de nossos instrumentos tecnológicos. A amedrontadora poluição da água, a radioatividade aumentando aos poucos e a sombria ameaça da superpopulação com suas tendências genocidas levaram a um medo amplamente difundido, ainda que não conscientizado em geral; ama-se o barulho porque ele impede esse medo de manifestar-se. O barulho é bem vindo porque abafa o alarme instintivo interior. Quem sente medo procura companhia barulhenta e pandemônio, que espantam os demônios. [...] O barulho nos protege da meditação dolorosa, dispersa sonhos ansiosos(...) ( p.106).*

Os trechos acima falam sobre o medo, completando ou confirmando os escritos sobre esta questão nas obras coligadas, só que de maneira mais direta.

Jung fala sobre o medo e a regressão da libido, do medo do novo e de como esta emoção pode fazer o indivíduo querer retornar ao conhecido, isto é, à etapa anterior da vida. O poder de possessão de uma emoção como algo amedrontador também é citado.

Ao falar sobre a importância do medo, lembra que o ser humano precisa ter medo para se proteger, afinal não existem super-homens. Jung fala do medo do inconsciente, do medo como sintoma de falta de adaptação e também como alerta de algo reprimido que precisa ser olhado.

O medo do inconsciente é tão grande, que o homem civilizado está sempre procurando tarefas que lhe impeçam de ter momentos de maior contemplação e contato com o mundo interior e dos possíveis ataques de seus conteúdos.

## 6. O MEDO SEGUNDO OUTROS AUTORES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Sabemos que Jung, em seus estudos sobre a individuação, se interessou mais pelas etapas da segunda fase da vida. No entanto, como usou o termo individuação para falar do desenvolvimento psicológico, precisou, muitas vezes, retomar este caminho, desde o nascimento.

O desenvolvimento da consciência, que precisa se diferenciar do inconsciente começa, assim, segundo Stein (1998, p.107), na primeira metade da vida, com o desenvolvimento do ego e da persona. O movimento do ego (individuação/separação), em relação à adaptação ao mundo, gera muitos conflitos e também ansiedades.

No volume, *Natureza da Psique* (2000), Jung fala sobre as etapas da vida humana e considera que a ampliação da consciência causa medo por nos levar a caminhos desconhecidos e, também, por mostrar a necessidade de nos separarmos de qualquer traço de infantilismo.

O desenvolvimento psíquico vem, aos poucos, ganhando espaço na Psicologia Analítica. Muitos junguianos observam que alguns aspectos da psique têm início na infância e podem retornar ao primeiro plano, em outros momentos da vida. É o caso dos complexos, dos conflitos de adaptação e da vivência de alguns arquétipos. Veremos a seguir alguns autores que pensaram o desenvolvimento da psique da criança, tendo, como foco, a emoção do medo.

### **MARIE-LOUISE VON FRANZ - O medo e o arquétipo do Puer**

O nome do livro "*Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*" nos informa sobre a importância da compreensão deste arquétipo para o estudo do medo. Von Franz fala de como as fantasias infantis podem impedir nossa auto-realização.

Jung usava essa expressão latina para explicar as dificuldades e o medo que aparecem na separação dos lugares e figuras de origem. (JUNG: 1986)

O Puer, um arquétipo relacionado à adolescência, pode "indicar certo tipo de jovem que tem um complexo materno fora do comum." (VON FRANZ: 1999)

Segundo a autora, *Puer Aeternus* é um deus-criança, cultuado nos mistérios eleusianos de culto à mãe. Foi identificado também com Dionísio e Eros. “É o deus da vida da morte e da ressurreição – o deus da juventude divina” e significa juventude eterna.

O dilema é ficar dividido entre sua personalidade adulta e infantil.

Von Franz explica que tornar-se consciente significa entrar na realidade e perder as ilusões infantis. Algumas pessoas vivem na nostalgia, atrás de uma infância, presos ao complexo materno. “O Puer sucumbe à mãe, o herói vence-a” (Hillman; 1998). Pode aparecer na forma do medo de separação da mãe ou do medo de viver sem ela.

O mito da mãe devoradora está presente nessa forma de neurose. A ligação fortíssima do jovem com sua mãe pode derivar da vivência de uma mãe exageradamente exigente ou repelente.

O adulto aprisionado neste arquétipo tem dificuldades para se relacionar e também de trabalhar. Outra característica desse comportamento é que, segundo Von Franz, a ligação com a mãe é tão forte que a forma encontrada para se desfazer esse nó tem, muitas vezes, um fim trágico. O comportamento de risco é característico e, apesar da contradição, parece ser a única saída para vencer o medo da separação.

“A única saída que este tipo de homem teme é a de se ligar a qualquer coisa. Há um medo terrível de se prender, de entrar no tempo e no espaço totalmente, e de ser o ser humano específico que ele é. Há sempre o medo de ser pego em uma situação da qual seja impossível sair. Toda definição é para ele um inferno. Ao mesmo tempo, há sempre algo simbólico – principalmente uma atração por esportes perigosos, particularmente aviação e alpinismo – de modo que nesses esportes ele se encontra o mais alto possível, simbolizando a separação da mãe, isto é, da terra, da vida comum.” (VON FRANZ, 1999; p.10).

O medo da vida faz com que tenha dificuldades de adaptação, principalmente na mudança de uma fase para outra, ficando a vontade de permanecer no conhecido mundo matriarcal.

### **ERICH NEUMANN – O medo e o arquétipo da Grande Mãe**

Em seu livro *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em desenvolvimento desde o Início de sua Formação*, Erich Neumann escreve sobre o



desenvolvimento da consciência, ressaltando a importância da “relação primal” na vida do ser humano.

“A segurança que adquiriu durante uma relação primal bem sucedida capacita o ego a integrar as crises que surgem no decorrer das fases naturais do desenvolvimento transpessoal, assim como as perturbações pessoais e individuais que põem em perigo o curso natural do seu desenvolvimento.” (1993, p.53)

Uma relação primal positiva ajuda a criança a superar os distúrbios que aparecem assim como adaptar-se melhor as demandas da vida. O ego vai se desenvolvendo sem medo e “torna-se capaz de aceitar e sintetizar experiências e atitudes negativas e positivas” (p.61).

Por outro lado, a relação primal negativa, constela a Mãe Terrível, que pode obstruir o desenvolvimento do filho. “A mãe boa é “capaz de liberar o filho superamado” enquanto que a “Mãe Terrível”, a mãe-bruxa tenderá, mais a devorá-lo”. (p.55).

“Ao dividir a imagem da Grande Mãe em imagens de Mãe Boa e Mãe Terrível, a psique infantil promove a polarização do mundo, a separação dos Pais do Mundo interior. Ganhando independência progressivamente, a criança chega a sentir que a mãe tanto é abandonadora e rejeitadora quanto como é acolhedora e continente.” (p.89)

A crescente independência do ego traz muitos medos e conflitos. “Mais independência significa desamparo, e todo afastamento, mesmo que apenas aparente, em relação à sua posição de segurança, é vivenciada como solidão.” (p.89). Os conflitos também aparecem quando começam a surgir, na psique da criança, as oposições e as experiências de ambivalência como, por exemplo, o bom e o mau, o agradável e o desagradável, o consciente e o inconsciente.

O sentimento de confiança adquirido na relação primal ajuda também a criança, desde o início, a vivenciar uma boa noite de sono livre da ansiedade. “É a atitude da criança com a mãe-noite do inconsciente” (p.90).

“A mãe boa da relação primal é a guardiã da consciência e de seu desenvolvimento, é Sofia, enquanto que a “mãe ruim” é sempre hostil ao desenvolvimento da consciência, pois lhe interessa intensificar a tendência de permanecer ou voltar à

escuridão do inconsciente.. Por essa razão, inversamente, o medo à mãe terrível usualmente tende a fortalecer a consciência”.(p.92)

Quando o amor da mãe leva o filho à segurança, permite que este se desenvolva e adapte-se facilmente às exigências do mundo, com menos medo e ansiedade.

### **VERENA KAST - O medo e o complexo**

Ao refletir sobre o medo, Verena Kast (1997; 2006) faz relações entre esta emoção e os complexos parentais. Além disso, considera que a ansiedade e o medo é o que nos torna humanos. "Ser humano é ter medo". (2006)

Escreve sobre o complexo materno e paterno, e a importância da identificação e conscientização dos mesmos, como um meio de facilitar a individuação.

O conceito de complexo é importantíssimo para a psicologia. Jung desenvolveu a teoria dos complexos, no início do século XX, a partir do teste de associação de palavras. Na época, observou, em *Estudos experimentais*, a existência de núcleos carregados de emoções, que quando associados a determinados estímulos, poderiam desencadear uma neurose. Através da definição deste conceito, podemos perceber sua dimensão aterrorizante, que permite a compreensão do medo como emoção.

“Os complexos de acento emocional são núcleos energéticos e, assim como a sombra, em geral possuem características fundamentais: uma delas é o forte conteúdo emocional que provém deles, quando constelados; a outra é a autonomia. Esses complexos, na maioria das vezes, levam o ego a uma conduta compulsiva e repetitiva. Para Jung, o indivíduo torna-se, de certa forma, possuído por uma emoção e por uma compulsão que ele não consegue compreender”. (Faria, 2001; p.92)

Kast (1997) explica que, quando o indivíduo vivencia o complexo fica bastante afetado, paralisado, ou tomado por fortes emoções, como o medo e a raiva.

Os complexos parentais podem se formar em qualquer fase da vida, mas é na infância que se formarão como base da vida emocional. Podem ser positivos ou negativos e, dependendo do caso, podem atrapalhar ou favorecer o desenvolvimento da psique.

Durante a infância, é importante que o ego se fortaleça, para um bom desenvolvimento psíquico. A construção de um ego ideal inunda o inconsciente com conteúdos reprimidos, pois a criança, ainda fragilizada, não suporta, por completo, o contato com o real. É um modo de ver infantil que, muitas vezes, congela os complexos parentais e pode influenciar a vivência adulta.

O afastamento dos complexos parentais ocorre normalmente na adolescência, com as primeiras manifestações arquetípicas da *anima* e do *animus* e também pelo arquétipo do herói. Segundo Kast (1997), são vivências importantes, no desenvolvimento da autonomia.

“O complexo do eu de uma pessoa deve desligar-se, “de modo apropriado a idade”, dos complexos materno e paterno, para que ele possa perceber suas tarefas de desenvolvimento apropriadas à idade e ter à sua disposição um complexo do eu coerente – um “eu suficientemente forte” – que lhe permita perceber as exigências da vida, lidar com dificuldades e conseguir um certo grau de prazer e satisfação.” (1997, p.10).

Se considerarmos o caminho da individuação, podemos pensar muitas vezes no medo que enfrentaremos todas as vezes que precisarmos sair do “lugar seguro” para o desconhecido. Por este motivo, Kast (2006) coloca a simbiose como um fator importante a ser levado em conta ao analisarmos o medo e a ansiedade. Acrescenta também que Jung fala sobre simbiose, ao descrever “*participation mystique*”

Jung tratou deste tema no texto “O segredo da flor de ouro”:

“O que ele [Lévy-Bruhl] quis dizer com isso [*participation mystique*] é simplesmente o enorme resíduo de não-diferenciação entre sujeito e objeto (...). Quando não há uma consciência de diferença entre sujeito e objeto, uma identidade inconsciente permanece.” (JUNG;2003).

A saída dessa participação era considerada por Jung (1991) como uma grande conquista, que se torna possível através do processo de diferenciação que ocorre na individuação.

Kast (2006) considera que “as saídas da simbiose são mais fáceis de encontrar se as necessidades simbióticas do indivíduo tiverem sido vividas e se ele tiver refletido

sobre elas”. É como se uma pessoa precisasse viver plenamente uma fase, para adquirir segurança e caminhar para a próxima.

Cada etapa tem uma experiência simbiótica e a passagem para uma nova pode ser assustadora. Perdem-se algumas coisas como, por exemplo, a segurança e o *status quo*, e ganham-se outras, porque em cada fase o indivíduo se encontra mais autônomo.

No entanto, essa saída nem sempre é garantida. Pode ocorrer um aprisionamento devido ao medo do que está por vir, principalmente quando a transitoriedade da vida é percebida. A consciência e o medo da morte estão relacionados com a simbiose (2006). A separação nos coloca em contato com nossa natureza instintiva.

Para compreendermos melhor esse caminho, que relaciona medo com os complexos materno e paterno e também com a simbiose, é importante definirmos melhor esses constructos.

## **Complexo**

Jung (1986) considera que os complexos são núcleos afetivos da personalidade, provocados por um embate doloroso ou significativo do indivíduo com uma demanda ou acontecimento no meio ambiente, acontecimento para o qual ele não está preparado. Assim, Kast (1997) avalia que eles surgem na primeira infância, na relação com as pessoas com as quais se relaciona em situações marcantes, mas também podem surgir a qualquer momento “juntamente com as emoções correspondentes, com as formas de defesa dessas emoções e as expectativas daí provenientes (...)”. (p.32)

Os episódios-complexos são carregados de imagens e fantasias e não apenas com o vivido. Além disso, não é relacionada apenas a “experiência com a mãe pessoal ou o pai pessoal, mas também se encontra em cada pessoa a expectativa quanto ao materno arquetípico e ao paterno arquetípico.” (1997, p.32).

Kast cita Jung para falar sobre situações onde um complexo é constelado. “(...) as constelações de complexos são reconstruídas, e nesse processo, por um lado, a porção recalcada é trazida à esfera da consciência e, por outro, tais constelações são vistas como entroncamentos afetivos que provocaram e provocam estranhamentos e alienações, que são o solo para identificações não desatadas.” (p.32). É importante

ressaltar que fantasias e imagens arquetípicas sempre aparecem quando aspectos do complexo são trazidos à consciência.

Ao mesmo tempo em que um complexo relaciona-se com a reconstrução do passado refere-se também às perspectivas futuras da vida. “Vive-se então entre o passado, que pesa, e o futuro, que infunde medo”(p.39).

Quando os símbolos e fantasias, relacionados a um complexo, conseguem ser “experienciados e configurados, pode a energia, represada no complexo, tornar-se uma energia que vivifica o indivíduo todo e impulsiona novas possibilidades de comportamento.” (p.39)

### **O medo e o complexo materno positivo e negativo**

Kast (1997) define complexo materno positivo assim:

“Quem durante a infância experienciou muita dedicação, atenção, interesse em todas as manifestações de envolvimento do amor maternal, será marcado por um “complexo materno originalmente positivo”. Este marcará as expectativas em relação às outras pessoas, à vida, ao mundo, mas também determinará consideravelmente os interesses.”. (p.71)

O complexo materno originalmente positivo desperta o sentimento de um incontestável direito à existência. Pode ter efeitos promotores de vida, mas também, pode ser inibidor quando não se consegue um desligamento da mãe adequado à idade. O sentimento de viver em um mundo suficientemente bom pode aprisionar o indivíduo nesta fase, impedindo o desenvolvimento e o desligamento. Quando não ocorre a emancipação a pessoa desenvolverá “limites do eu inseguros”. Serão constantemente ameaçadas por “irrupções de impulso”. São pessoas marcadas por “problemas de separação, em geral a necessidade de aceitar que existe a morte, que há separação e recomeço, rompimentos e novas tentativas” (KAST,1997, p.78). O medo da busca pelo novo e principalmente a dificuldade de amadurecimento, representam um meio para continuarem sobre eternos cuidados.

Quando uma criança não vivenciou uma relação maternal sustentadora ou então, experimentou conflitos com uma mãe que tinha dificuldade de adaptar-se às suas necessidades, podemos dizer que foi marcada por um “complexo materno originalmente negativo”.

“Tanto a estrutura depressiva e as doenças do medo indicam que se dá pouquíssima atenção ao ser próprio, que a individualidade é experienciada de forma muito pouco responsável.” (1997, p.79).

O complexo materno originalmente negativo desperta sentimentos de insegurança, instabilidade emocional e o medo da morte. “As pessoas têm em comum o fato de acharem que são um si-mesmo ruim em um mundo ruim e que não tem nenhum direito inquestionável à existência. (...) Ao invés de confiança primordial e um bom sentimento vital ligado a ela, predominam a desconfiança primordial e o medo: isso resulta em que tudo que é controlável deve também ser controlado.” (1997).

### **O medo e o complexo paterno positivo e negativo**

“Complexo paterno originalmente positivo ou negativo” é definido por Kast (1997) como as primeiras vivências com o pai significativas e estimuladoras por um lado, ou dolorosos embates inibidores por outro.

Filhos, com o complexo paterno positivo, parecem pessoas bem adaptadas e seguras. “De seu próprio medo sabem pouco” ou não podem confessar. Ao repelir sentimentos sombrios perdem em criatividade.

A psicologia do desenvolvimento considera que “o pai tem função de possibilitar ao filho uma abertura para o mundo, para além da estreita simbiose mãe-filho” (Kast, 1997). A psicologia analítica, segundo Kast complementa essa idéia:

“É natural esperar que os pais dêem seus estímulos diferentemente das mães. A função do pai de criar para o filho a abertura do mundo originou-se da teoria da simbiose, que deve ser “aberta”, ou, por exemplo, na perspectiva da psicologia

profunda, da teoria da “irrupção do arquétipo paterno”, que dá ao filho a possibilidade de voltar para a realidade, saindo do âmbito materno”. (p.123)

No desligamento adequado do complexo materno o “pai precisaria apenas ter uma relação diferente da que a mãe estabelece com o filho” e colocar sua forma de ver o mundo, representando mais do que simplesmente as leis da coletividade.

O desligamento dos complexos parentais e o desenvolvimento estão vinculados ao *animus* e *anima* que permitem “fascinação amorosa ou por uma idéia”. Quanto mais diferenciação houver do complexo paterno, mais criativa se torna a pessoa.

No complexo paterno originalmente negativo, o indivíduo cresce à sombra do pai. Não se sente seguro e nem capaz para escolher o próprio caminho. Sente-se envergonhado e culpado por não estar à altura das exigências paternas. A saída encontra-se em buscar o próprio caminho, “sem a benção do pai”, isto é, “sacrificar a idéia de ser tão bem sucedido quanto o pai”. (KAST; 1997)

A força paterna está ligada à disciplina, à criação de hábitos, à instauração da lei e da cultura. Uma vivência negativa deste ciclo faz com que o indivíduo, algumas vezes, renegue toda a experiência matriarcal. O indivíduo pode também defensivamente refugiar-se numa fase mais regressiva ou então, sentir-se impotente e boicotado. A criança oprimida sente-se inibida frente ao coletivo, evitando arriscar-se e criar.

## **O medo e a simbiose**

A simbiose e suas conseqüências têm sido muito estudadas pela psicologia. Kast (2006) define:

“*Simbiose* é um termo tirado da biologia e que se refere a uma relação estreita, funcional e de mútuo benefício entre dois organismos. O parceiro que se liga de forma simbiótica beneficia-se por saber que está sendo cuidado, protegido em sua impotência, dispensado da pressão de ter de tomar decisões e assumir riscos. O “hospedeiro” beneficia-se com o enorme crescimento da própria importância, um “impulso” narcisista fornecido pelo parceiro ligado a ele de forma simbiótica. A essência da relação não é uma questão de dependência quanto de não se separar, pois aquele que está ligado de forma simbiótica pode da mesma forma ser

dominante. Nem o hospedeiro, nem o parceiro, conseguem distinguir-se um do outro, ou estabelecer quais são os seus desejos e quais são os do outro, ou diferenciar o seu próprio ego do ego do outro.” (p.109)

Jung (2003) chamava a “não diferenciação entre sujeito e objeto de *participation mystique*”. Kast prefere usar o termo simbiose ou “identidade de sujeito e objeto”.

Kast (2006) conclui que “é muito importante a compreensão da simbiose na prática da psicoterapia quando lidamos com: dificuldades de desenvolvimento, confusões de identidade, falta de criatividade, depressão, tendências suicidas, dependências.”

Na simbiose o comportamento pode ser tão regressivo que a pessoa pode querer voltar ao útero, ou seja, morrer. O medo aparece na relação entre morte e simbiose:

“[...] a simbiose está sempre tentando evitar as mudanças na vida. Medo de mudança e ansiedade por ter de sair do lugar e ir embora – no final das contas medo da nossa mortalidade. [...] a simbiose pode impedir que enfrentemos a vida com coragem, o que exige que nasçamos várias vezes, que nos arrisquemos a fazer algo novo, que nunca deixemos de tomar novas decisões para descobrir quem somos de verdade” (KAST, 2006; p.115)

A vida é seguida por várias fases que incluem momentos simbióticos, de separação e individuação. Para que o indivíduo possa se separar, precisa viver um momento que Kast chama de “simbiose ideal”, onde “as saídas para a simbiose são mais fáceis de encontrar se as necessidades simbióticas do indivíduo tiverem sido vividas e se ele tiver refletido sobre elas”

No trabalho psicoterápico, Kast considera importante trabalhar a autonomia do paciente, assim como reforçar o aspecto acalentador do arquétipo materno, fortalecendo o ego, impedindo que seja engolido outras vezes.

Concluindo, podemos observar que Kast também relaciona medo e ansiedade com inconsciência. No entanto, a autora dá mais ênfase ao período da vivência das relações parentais, sugerindo que os complexos materno e paterno, assim também como a simbiose, são os principais fatores de medo do desenvolvimento psíquico e que podem ser constelados em várias fases da vida.



## **7. O MEDO NA MITOLOGIA**

### **Mito e mitologema**

A mitologia é segundo Alvarenga (2007), uma fonte de conhecimentos sobre a psique, a sociedade e o mundo. Assim, diz a autora, “descobri a possibilidade de compreender os conceitos mais complexos da Psicologia Analítica” (p.11).

Segundo Campbell, são quatro as funções dos mitos:

1ª Religiosa – Harmonizar a consciência com as pré-condições de sua própria existência. Alinhar a consciência com o universo, o existir e o mundo.

2ª Lógica – Interpretativa. Relata metaforicamente a ordem da natureza.

3ª Ética – Instala moral, valores e ordem.

4ª Estruturante – Conduz os humanos pelos estágios da vida.

A compreensão simbólica dos mitologemas é considerada como “um recurso inestimável para a amplificação dos materiais constitutivos dos processos de análise.” (ALVARENGA, 2007, p.11).

Muitos pensadores da psicologia, principalmente os junguianos, usam os mitos para ilustrar conceitos teóricos. Mito é definido como “um conjunto de histórias, relatadas de geração em geração, traduzindo o entendimento dos povos que as criaram e tinham nessas histórias(,) a forma de explicar como o mundo se fez e tudo aconteceu”. (ALVARENGA, 2007, p.11).

Mitologemas são núcleos temáticos que aparecem em vários mitos, de várias culturas. Nesse capítulo separamos histórias que contem o mitologema do medo.

### **Mitologemas do medo**

O homem sente um temor profundo diante do desconhecido e os mitos, que são “pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (CAMPBELL, 1988, p.7), ajudam na compreensão dos símbolos que surgem na vivência desta emoção.

O medo aparece em muitos mitos, sempre em histórias de conflito, que podem ser metáforas da luta entre os opostos, consciente e inconsciente.

Na lenda do Graal, podemos citar a passagem que fala sobre o nascimento de Merlin:

“Quando Cristo veio à Terra para cumprir o destino de redenção dos homens, diz a lenda, os demônios do inferno não se agradaram com essa situação. Seja porque o número de almas penadas fosse reduzir-se em muito ou ainda porque a vinda do Salvador poderia trazer a redenção da Grande Mãe, do feminino da mulher. E os demônios ficaram revoltados. A mulher, nesses tempos, era considerada a maior fonte de geração de pecados, forjadores de almas penadas, cujo destino era o inferno. Entende-se, pois, a revolta dos demônios contra Deus. Com a vinda do Messias, Adão e Eva e toda sua descendência estariam livres do fogo abrasador da condenação. Havia, portanto, a necessidade de contrapor a essa figura de redenção mítico-mística do Cristo outra, opositora, tão grande quanto o próprio filho de Deus.

Para forjar o nascimento dessa figura mítica do anticristo, os demônios confabularam por um tempo infernal. Convocaram uma assembléia dos Íferos, com o intuito de saber quem teria competência para expressar-se através de uma hierofania humana e gerar um filho da Virgem, à imagem e semelhança do ocorrido, quando do nascimento de Cristo. O demônio eleito veio à Terra e, dentre todas as mulheres, foi escolhida uma bela donzela, de grande pureza, total castidade, vivendo sobre orientação religiosa do padre Bleise. Como seu mentor, padre Bleise, recomendava à sua pupila manter em seus aposentos uma vela acesa, quando fosse dormir, pois a luminosidade sempre foi inimiga do demônio.” (ALVARENGA, 2008, p.85).

É interessante atentar para o número de crianças com medo de escuro e, também, de mães que, por manterem a luz acesa, talvez perpetuem o medo ancestral-arquetípico do demônio.

“Certa noite, descuidadamente, a jovem esqueceu-se de acender a vela e o demônio, aproveitando-se da situação, penetrou em seu quarto e a fecundou. No dia seguinte, quando se deu conta do ocorrido, lembrou-se de pronto das recomendações de Bleise; procurou-o apavorada, intuindo a desgraça já ocorrida. Padre Bleise farejou os sinais do Sinistro, benzeu sua pupila de todas as formas conhecidas, ritualizou com ela as preces de exorcismo, jogou-lhe água benta em todo o corpo e deu-lhe também para beber, conseguindo finalmente, com todo esse ritual, proteger a donzela de futuras presenças do demônio; recomendou-lhe também manter castidade eterna.” (ALVARENGA, 2008, p.86)

A luz aqui representa a consciência e também uma solução para enfrentar o medo da escuridão do inconsciente. O diabo está relacionado com a falta de luminosidade, isto é, com o inconsciente

“A jovem regressou para casa, mas tão logo a família descobriu-a grávida, fê-la prisioneira em seu próprio quarto. Quando a comunidade tomou ciência do acontecimento e da gravidez ocorrida de forma “mágica”, certamente de origem demoníaca, determinou sua prisão em cárcere público, do qual não sairia até ocorrer seu julgamento. A jovem permaneceu na prisão por todo o tempo da gravidez, dando à luz um menino de nome Merlin. Padre Bleise o batizou mesmo sendo filho do demônio, e passou a cuidar do garoto e de sua mãe.

Quando Merlin estava com um ano e oito meses, sua mãe foi levada a uma assembléia para submeter-se a julgamento, acusada do crime de ter-se submetido à possessão do demônio. A jovem e seu filho apresentaram-se diante dos juízes. Maliciosamente, os acusadores induziram o processo no sentido de condená-la formalmente, invocando a tese de a criança não ter pai conhecido. E o prodígio de Merlin se evidenciou. Com apenas vinte meses, apresentou-se diante dos juízes e defendeu sua mãe. O argumento usado por Merlin foi o fato de o próprio juiz não ter provas de sua própria paternidade. O meirinho sem argumentos e receoso de o processo voltar-se contra si mesmo, absolveu a mãe de Merlin, e a jovem foi libertada. (ALVARENGA, 2008).

A luz é algo que está em oposição ao mundo escuro das trevas, que está povoado de ameaças primordiais arquetípicas que vagam por esta consciência primordial do ser humano. Jung (1985), em *Mysterium coniunctionis*, relaciona consciência/luz e seu oposto inconsciência/escuridão e explica o nome inconsciente como “privação de luz”.

Na continuação da história de Merlin, ele e sua mãe foram impedidos de voltar para casa e passaram a viver com o padre Bleise. Depois de alguns anos, Merlin, que tem um desenvolvimento excepcional, resolve deixar sua casa e pede para o padre escrever a história do nascimento dele. Nestes escritos, padre Bleise diz o seguinte: que Merlin herdou da mãe, que é virgem, o conhecimento do futuro e do demônio, de quem também é filho, ele tem o conhecimento do passado.

A relação entre demônio e escuridão nos ajuda compreender porque o inconsciente é ameaçador.

Na mítica grega, um dos mitos de criação, muito parecido com os da tradição judaico-cristã e narrado no *Protágoras*, de Platão, conta a história de Prometeu, que criou os homens do barro da Terra. Prometeu juntou o barro dos quatro cantos do mundo, juntou com água, sal e fez os modelos humanos. Depois foi buscar com os divinos recursos para dotar os humanos de qualidades. Recebeu então um pacote de atributos e junto com seu irmão, Epimeteu precisava distribuí-los entre os homens. Epimeteu é conhecido como aquele que sabe o que aconteceu “aquele que pensa depois” (PEIXOTO, 2003) que estava ligado ao passado e Prometeu é aquele que sabe do que está por vir “aquele que pensa antes”.

Prometeu começou a distribuir os atributos e começou a dar para os animais, velocidade, asas, astúcia e toda espécie de meios de defesa e sobrevivência. Quando Epimeteu voltou, os atributos tinham acabado e não havia mais nada para dar aos homens. E o que ele faz? Vai até o Olimpo e rouba a *techné*, que é um atributo de Atená e rouba também o fogo, que era um segredo que pertencia a Hefesto. Esta é uma das versões de como o homem tomou conhecimento do fogo, possibilitando assim todo seu desenvolvimento.

Roubaram o conhecimento dos Deuses: as competências para criar e idear seriam do divino. Com a *techné* de Atená, os homens conseguem desenvolver, casas, abrigos, roupas, barcos, e vários outros objetos que necessitavam de engenhosidades. A chama do fogo foi muito importante para os homens para que eles pudessem iluminar a noite. Os homens viviam até então, confinados em cavernas, amedrontados com as sombras da noite. O fogo serviria para amenizar o sofrimento dos homens que viviam nas trevas durante a noite. Aparece aí o medo primordial.

O fogo ajudou o homem a se proteger e, também, possibilitou o desenvolvimento da consciência. Novamente encontramos a imagem da luz associada à consciência e como solução para enfrentar o medo do inconsciente. No mito de Prometeu, que é muito mais antigo ao de Merlin, aparece o medo e o mesmo conselho: Não fique no escuro, que o demônio aparece e vai pegar você. Novamente surge o cuidado com “*privatio lucis*”, a privação da luz.

Se esses fenômenos estão relatados em histórias tão antigas, podemos pensar, então, numa situação arquetípica. O medo está lá. No inconsciente.

Alvarenga (2008) nos faz refletir: O que é o demônio, simbolicamente? É tudo quanto é movimento inconsciente: são as vivências, as emoções, as emergências arquetípicas de uma realidade primordial. E elas surgem, aparecem sem cerimônia. Como estas vivências não estão humanizadas, parecem ameaçadoras principalmente para o ego que ainda não tem competência e habilidade para lidar com elas. Não existe um campo de consciência suficientemente amplo com ego suficientemente estruturado para lidar com este material. Por isso, tanto crianças como adultos podem sentir-se ameaçados com estas experiências. Assim, essas experiências que surgem, adquirem características ameaçadoras, de monstruosidades terríveis. Podemos chamar de demônio.

Estas monstruosidades que aparecem que nascem das profundezas da Terra. São realidades da nossa psique que não se humanizaram.

Na mítica grega existe também o mito de Ares, que fala especificamente sobre o medo. Em uma de suas passagens, o mito nos revela que, do relacionamento de Ares com Afrodite, nasceram três filhos: uma mulher que se chama Harmonia, e dois homens Fobos e Deimos, respectivamente o medo e o terror. Também são considerados deuses por serem filhos de dois deles.

Ares é conhecido por ser “[...] um deus combatente, com prazer pela guerra, destruição e morte.” (ALVARENGA, 2007). Está descrito na Ilíada que quando vai para os embates está sempre acompanhado de seus filhos, Fobos e Deimos, além de Eres, a deusa da discórdia e Ênio, a devastação. Fica muito claro que, quando vai para a guerra, Ares leva medo, terror, discórdia e devastação. Representa o medo do que está por vir, do desconhecido, da invasão e da morte.

Os gregos, em tempos de guerra, adoravam os filhos de Ares, como forma de proteger-se de suas fúrias. Evocavam também a proteção da filha, Harmonia, como solução para os horrores da guerra.

## 8. ILUSTRAÇÃO: CHAPEUZINHO AMARELO

As histórias infantis costumam relatar situações de grande ansiedade, onde normalmente um herói, com muita coragem, vence todos os obstáculos. “O herói é a energia arquetípica que mata o dragão (i.e., o desejo do incesto) e liberta a princesa (i.e., a alma)” (Stein, 2006, p.207) para poder seguir o curso da vida.

Segundo Stein (2006), a identificação com a figura do herói livra o ego das forças da regressão e da confortável dependência da mãe e usa toda a energia para enfrentar as tarefas e desafios da adaptação a realidade. A vivência do arquétipo do herói facilita o afastamento das imagens parentais

Na história Chapeuzinho Amarelo, encontramos uma personagem paralisada em seu processo de desenvolvimento devido ao medo.

### *CHAPEUZINHO AMARELO*<sup>3</sup>

*Chico Buarque*

*“Era a Chapeuzinho Amarelo.  
Amarelada de medo.  
Tinha medo de tudo,  
Aquele chapeuzinho.  
Já não ria.  
Em festa, não aparecia.  
Não subia escada  
Nem descia.  
Não estava resfriada  
Mas tossia.  
Ouvia conto de fada  
E estremecia.  
Não brincava mais de nada,  
Nem de amarelinha.*

*Tinha medo de trovão.  
Minhoca, para ela era cobra.  
E nunca apanhava sol  
Porque tinha medo de sombra.  
Não ia para fora pra não se sujar.  
Não tomava sopa para não ensopar.  
Não tomava banho para não descolar.  
Não falava nada para não engasgar.  
Não ficava em pé com medo de cair.  
Então vivia parada,  
Deitada, mas sem dormir,  
Com medo de pesadelo.  
Era a Chapeuzinho Amarelo.”*

---

<sup>3</sup> Chapeuzinho Amarelo – Chico Buarque de Holanda – Ed. José Olympio (2006)

Chapeuzinho tinha medo de tudo. Não brincava, não dormia, não falava, isto é, não vivia. Amarelava e paralisava frente a qualquer tarefa da vida.

O medo aparece não como uma proteção, mas de forma inadequada, como um defeito que impede a menina de seguir seu caminho. Encontramos aqui uma criança parada no primeiro estágio da individuação (Stein, 2006, p.202) onde a falta do herói interno não garante um bom desenvolvimento psíquico.

Medos primordiais, como o medo da sombra, do escuro e das tempestades, mostram que a menina possui um ego ainda pouco estruturado para enfrentar com segurança conteúdos inconscientes que costumam emergir na psique infantil. A criança está mais próxima do inconsciente coletivo do que o adulto. Ela ainda está muito perto de grandes imagens arquetípicas.

São vários medos distintos, que não indicam uma fobia, pois não estão projetados em um objeto específico. No entanto, a menina está possuída por uma emoção tão forte que fica paralisada sem compreender o porquê. Seu comportamento parece um pedido de socorro.

Podemos pensar que Chapeuzinho Amarelo está vivenciando algum tipo de complexo negativo, pois experimenta emoções de forte conteúdo emocional que estão prejudicando seu desenvolvimento. “A irrupção de um complexo na consciência indica que ele ficou temporariamente mais energizado do que o ego” (Stein, 2006, p.73)

A relação entre o ego e o complexo não está equilibrada. O ego da menina está amedrontado diante das manifestações inconscientes, como se o complexo pudesse inundá-lo ou possuí-lo.

O medo assume várias formas, mas aparece toda vez que a menina precisa sair de um lugar seguro para o desconhecido. Não encontramos também, neste relato qualquer situação de prazer e satisfação o que nos mostra outro aspecto terrível desta emoção quando vivida de forma negativa. A energia está represada no complexo revelando também aspectos depressivos. Kast (1997) afirma que o complexo materno evoca sentimentos de insegurança e instabilidade emocional.

Parece que Chapeuzinho Amarelo não está conseguindo separar-se de seus complexos parentais e por isso não desenvolve sua autonomia. Está presa, mais especificamente, ao complexo materno, talvez numa situação de simbiose. Por não ter vivido uma relação materna satisfatória a criança parece defender-se de qualquer

possibilidade de afastamento do âmbito materno, enquanto não se sentir plenamente satisfeita e segura. A simbiose dificulta também a experiência do paterno, que entre outras coisas, ajuda no desenvolvimento da consciência, apresentando sua forma de ver o mundo.

Outra característica que se apresenta é que a menina possui comportamentos comuns ao tipo introvertido. Segundo Jung (1991), essas crianças demoram um pouco mais para adaptar-se ao meio ambiente, pois olham todos os objetos desconhecidos com medo e desconfiança. É uma atitude de defesa.

Não dormir para não ter pesadelos, pode ser considerado a forma mais clássica de medo do inconsciente. Segundo Gallbach (2000, p.18), "O processo psíquico inconsciente ocorre continuamente. Porém, durante o sono, este processo torna-se mais ativo, tem mais energia e exterioriza-se na consciência." No sonho ocorre uma ligação entre a consciência e o inconsciente.

O medo aparece aqui como um sintoma. O conflito está na dificuldade de incorporação de conteúdos reprimidos e inconscientes. Ter mais consciência significa crescer e para isso é preciso desligar-se dos complexos parentais. A resolução de conflitos entre o consciente e inconsciente permite que o indivíduo adquira segurança, para caminhar para a próxima fase.

Chapeuzinho Amarelo está paralisada, mas não aprisionada no inconsciente. Sua psique ainda não é um sistema fechado.

Continuemos.

*E de todos os medos que tinha  
o medo mais que medonho,  
era o medo do tal do LOBO.  
Um LOBO que nunca se via,  
que morava lá pra longe,  
do outro lado da montanha,  
num buraco da Alemanha,  
cheio de teia de aranha,  
numa terra tão estranha,  
que vai ver que o tal do LOBO nem existia.*

*Mesmo assim a Chapeuzinho.  
tinha cada vez mais medo  
do medo do medo do medo  
de um dia encontrar um LOBO.  
Um LOBO que não existia*



O medo mais terrível e inconsciente era o medo do LOBO, escrito assim mesmo com letra maiúscula. A compreensão destes símbolos é importante para a elaboração do complexo presente (GALLBACH, 2002).

*E Chapeuzinho Amarelo,  
de tanto pensar no LOBO,  
de tanto sonhar com LOBO,  
de tanto esperar o LOBO,  
um dia topou com ele  
que era assim:  
carão de LOBO,  
olhão de LOBO,  
jeitão de LOBO,  
e principalmente um bocão  
tão grande que era capaz  
de comer duas avós,  
um caçador,  
rei, princesa,  
sete panelas de arroz  
e um chapéu  
de sobremesa.*

*Mas o engraçado é que,  
assim que encontrou o LOBO,  
a Chapeuzinho Amarelo  
foi perdendo aquele medo,  
o medo do medo do medo  
de um dia encontrar um LOBO.  
Foi passando aquele medo  
do medo que tinha do LOBO  
Foi ficando só com um pouco  
de medo daquele lobo.  
Depois acabou o medo  
e ela ficou só com o lobo.*

*O lobo ficou chateado  
de ver aquela menina  
olhando pra cara dele,  
só que sem o medo dele.  
Ficou mesmo envergonhado,  
triste, murcho e branco-azedo,  
porque um lobo, tirado o medo,  
é um arremedo de lobo.  
É feito um lobo sem pêlo.  
Lobo pelado.*

Jung (1938) comenta em um de seus seminários, que quando nos deparamos com um fantasma num pesadelo, devemos perguntar: “O que você quer?”, “Apareça e mostre como você é!”. Isto é uma forma de entrar em contato com conteúdos inconscientes, aproximar-se do mundo interior e vencer o medo. E foi o que Chapeuzinho Amarelo fez:

entrou em contato com o lobo e sentiu-se fortalecida para libertar-se do inconsciente materno.

*O lobo ficou chateado.  
E ele gritou: sou um LOBO!  
Mas a Chapeuzinho, nada.  
E ele gritou: sou um LOBO!  
Chapeuzinho deu risada.  
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!  
Chapeuzinho, já meio enjoada,  
com vontade de brincar  
de outra coisa.  
Ele gritou bem forte  
aquele seu nome de LOBO  
umas vinte e cinco vezes,  
que era pro medo ir voltando  
e a menininha saber  
com quem não estava falando:*

LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO

*Aí,  
Chapeuzinho, encheu e disse:  
“Pára assim! Agora! Já!  
Do jeito que você tá!”  
E o lobo parado assim  
do jeito que o lobo estava  
já não era mais um LO-BO.  
Era um BO-LO.  
Um bolo de lobo fofo,  
tremendo que nem um pudim,  
com medo da Chapeuzim.  
Com medo de ser comido  
com vela e tudo, inteirim.  
LOBOLOBO*

Em seus estudos sobre o simbolismo animal, Ramos (2005), mostra a figura do lobo relacionada a aspectos maternos e paternos: “O lobo aparece como o símbolo do princípio materno, ora representado em seu aspecto negativo e devorador, ora positivo e provedor”. São os aspectos da Grande Mãe, que podem aparecer como a mãe boa ou a mãe terrível, nutrindo ou devorando seus filhos.

Von Franz (1985) fala deste aspecto de Grande Mãe devoradora, no livro “A Individuação nos contos de fadas”, dando exemplos através da história do Chapeuzinho Vermelho. A avó é substituída pelo lobo, mostrando seu aspecto devorador. “Essas mulheres (as mães devoradoras) impedem o crescimento e a independência dos filhos,

“engolindo-os”, mantendo como parte de si mesmas.” (RAMOS, 2005; p.150). Os filhos, por seu lado, podem acomodar-se nessa situação e tornam-se incapazes de libertar-se do inconsciente da mãe, “que os retém num estado pueril de inconsciência” (p.150)

O lobo também pode ser associado a aspectos negativos do paterno. Ramos cita a história de Urano, na qual a deusa Reia entrega-lhe uma pedra embrulhada em panos, fingindo ser o filho recém-nascido, temendo que ele devorasse o filho Cronos, como fizera com os outros irmãos. Urano representa o paterno agressivo e devorador que pode destruir o ego do filho.

Faria (2003, p.105), assinala que, muitas vezes, o aspecto paterno negativo destrutivo aparece na figura de animais como leão, touro, cães e outros. São símbolos de uma libido não domesticada.

O aspecto positivo desta vivência é o pai que salva o filho da relação simbiótica com a mãe. “O mesmo fenômeno pode ser visto numa outra leitura do de *Chapeuzinho Vermelho*: o lobo surge para tirar a menina da guarda materna; assim, é a violência paterna que rompe a relação mãe-filha.” (RAMOS, 2005).

Foi o que aconteceu com Chapeuzinho Amarelo que conseguiu libertar-se e não foi devorada.

*Chapeuzinho não comeu  
aquele bolo de lobo,  
porque sempre preferiu  
de chocolate.  
Aliás, ela agora come de tudo,  
menos sola de sapato.  
Não tem mais medo de chuvas  
nem foge de carrapato.*

*Cai, levanta, se machuca,  
vai á praia, entra no mato,  
trepas em árvore, rouba fruta,  
depois joga amarelinha,  
com o primo da vizinha,  
com a filha do jornaleiro,  
com a sobrinha da madrinha  
e o neto do sapateiro.*

*Mesmo quando está sozinha,  
inventa  
uma brincadeira.  
E transforma  
em companheiro  
cada medo que ela tinha:  
o raio virou orrái,  
barata é tabará,  
a bruxa virou xabru  
e o diabo e bodiá.*

*FIM*

*Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo: o Gãodra, a Jacoru, o Barão-Tu, O Pão  
Bichôpa  
E todos os trosmons.*

Entrar em contato com aspectos sombrios do inconsciente é um ato de coragem. Ao fazer isso, de forma lúdica, como as crianças costumam fazer, Chapeuzinho Amarelo consegue fortalecer o ego e começa usar a astúcia a seu favor. Sentindo-se mais segura, pode se libertar do aprisionamento, para viver outras fases do desenvolvimento da psique.

## 9. DISCUSSÃO

Refletir sobre a questão do medo como emoção, na abordagem da Psicologia Analítica, foi o que norteou esta pesquisa. Este trabalho também possibilitou reflexões sobre o medo no contexto clínico.

No início do século XX, começando sua carreira, Jung se referia ao medo como uma neurose, mas, devido ao seu aspecto inconsciente, considerou o medo uma emoção.

Todo mundo sente medo, uma emoção da natureza humana, que pode ser considerada normal ou patológica. O medo normal é protetor, pois evita que o indivíduo se coloque em situações de risco, para ele e para o outro. O medo patológico é exagerado e incontrolável. Aparece na vida como transtornos de ansiedade ou então, como medo destruidor, que é aquele que paralisa e faz com que a pessoa deixe de fazer atividades comuns, do dia-a-dia, como vimos na história da Chapeuzinho.

A teoria dos complexos permitiu compreender alguns aspectos do medo destruidor, principalmente o fato de ser uma emoção autônoma, inconsciente e com capacidade de possuir quem a vivencia. Através dos sonhos e dos complexos podemos compreender a organização psíquica de uma pessoa (JUNG 1983, p.29). Talvez sejam as maneiras mais eficientes de se entrar em contato com os símbolos do inconsciente. Os pesadelos e os complexos são aterrorizantes por este motivo, por ser um ponto de contato entre dois opostos: consciente e inconsciente.

Jung sugere que o medo revela uma tendência prospectiva da psique, então ele anuncia uma nova fase de desenvolvimento, o que traz alguns temores e inseguranças. Se o indivíduo se apegar a uma fase anterior, provavelmente o medo crescerá e se tornará patológico. O ego deverá se libertar desta simbiose com a antiga situação para haver uma continuidade no desenvolvimento e um abrandamento do medo. Assim, o medo parece ser inerente ao processo de desenvolvimento, do nascimento à morte.

Jung comenta em seu livro “A Natureza da Psique”, que no caminho da vida estão presentes o medo da vida e o medo da morte, ambos relacionados ao inconsciente: no início, o medo de desenvolver, sair da grande indiferenciação e adquirir consciência e no final, o medo de entrar em contato novamente com o grande e desconhecido inconsciente.

Outro aspecto importante, levantado por Jung, é que a separação coletiva e pessoal da consciência, do inconsciente e do mundo instintivo, provoca o medo do desconhecido e da vida instintiva. Quanto mais o indivíduo e a sociedade estão afastados do Self e quanto mais o ego e a consciência se artificializam, mais o medo cresce; o indivíduo desenraizado de si-mesmo se perde no aparato artificial. Na emergência de desenvolver a consciência a humanidade foi deixando de praticar alguns rituais que preparavam o indivíduo para mudanças no caminho da vida.

Será que a sociedade contemporânea, excessivamente tecnológica não perdeu a conexão com o mundo instintivo e, por isso, o medo também aumentou, beirando o pânico?

O homem civilizado aprendeu a separar a consciência das camadas mais profundas como forma racional de controle. Assim, ao contrário do homem primitivo, o homem culto, quando tomado pela emoção do contato com fenômenos “fantasmagóricos”, sente-se assustado e com medo de estar vivendo algum distúrbio psicológico. Ou então, se defende de forma neurótica. O homem primitivo, por sua vez, interpreta este fenômeno de maneira diferente:

“A influência maligna de espíritos maus é, pelo menos, uma hipótese admissível nas culturas primitivas, enquanto que para o civilizado é uma experiência perturbadora admitir que seus males nada mais são que uma tola extravagância da imaginação”. (JUNG, 1983 [1961] p.45)

A compreensão do medo do inconsciente é muito importante, principalmente no contexto clínico e terapêutico, quando a busca do significado desta emoção, que aparece como sintoma, torna-se mais viável. Ao reconhecer “os fantasmas” do inconsciente fica possível a elaboração de alguns conteúdos que ajudarão no desenvolvimento da psique. “Sabemos que o medo aparece, sobretudo quando reprimimos algo. O medo pode apresentar-nos o que é reprimido para assim lidarmos com isso.” (KAST, 1997, p.18)

Segundo Araújo (2006, p.37), as novas teorias do desenvolvimento humano consideram que, no trajeto do desenvolvimento, o homem possui, desde o início da vida, “uma série de caminhos potencialmente abertos” e um “potencial persistente para mudanças”, pois durante a sua existência sempre haverá transformações, boas ou ruins, decorrentes das relações com o ambiente e com as pessoas. Se algo está paralisado, vale a pena ser discriminado para se desfazer o conflito, que prejudica este percurso.

O aspecto prospectivo do medo e outras emoções é o grande diferencial da Psicologia Analítica, que deixou de olhar o medo como neurose de angústia, para buscar a compreensão de seus símbolos. Para que serve este medo? O que ele pode indicar? Como ele pode contribuir para o desenvolvimento da psique?

Ao invés de só buscar a causa, o que pode ser considerado um aspecto regressivo, é importante também a compreensão do fenômeno, para que se possa encontrar “os caminhos potencialmente abertos”.

A abordagem junguiana, não entra apenas nos aspectos patológicos da questão do medo, pois tem como foco, o processo de individuação.

No contexto clínico observamos que o medo pode aparecer como sintoma de algum processo psíquico que está necessitando ser compreendido. Mas também chega muitas vezes reprimido, na forma de uma queixa latente, disfarçado em outra dificuldade que fica difícil ser identificado. Um distúrbio do sono pode, por exemplo, disfarçar um medo de entrar em contato com o inconsciente. Um distúrbio de aprendizagem pode conter um medo de crescer e de separação parental.

A Psicologia Analítica nos dá instrumentos para chegarmos a esta emoção, através dos símbolos que aparecem nos sonhos e nos complexos que surgem no contexto terapêutico. Mas, não é tarefa fácil entrar em contato com estes conteúdos justamente por estarem tão reprimidos.

A indicação terapêutica fica muito clara nestes casos, pois a integração de alguns conteúdos inconscientes pode ajudar a fortalecer o ego e possibilitar um desenvolvimento psíquico satisfatório. Quando os medos não são superados podem evoluir para casos fóbicos ou de ansiedade patológica.

O sofrimento desta emoção pode seguir um caminho positivo se a integração consciente/inconsciente abrir possibilidades para uma vida realizada. Como disse Jung em suas memórias: “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou” (2006, p.31).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo é uma emoção extraordinariamente complexa. O ser humano não sofre o medo só quando está numa situação concreta, de perigo real, mas, também, de perigos subjetivos como: medo do desconhecido, medo da vida, medo da morte e medo das forças obscuras do inconsciente. Este trabalho possibilitou uma reflexão sobre a relação do medo com o inconsciente.

O medo do inconsciente pode aparecer via sonhos e também por comportamentos complexados. Se for muito intenso, causa tanto sofrimento que chega a atrapalhar as relações pessoais e também, as produtivas, de uma pessoa.

A expressão “medo da própria sombra” pode ilustrar o medo de si mesmo. É o chamado, confronto com a sombra, que contém todos os conteúdos reprimidos.

Os textos de Jung e de outros junguianos mostram que as emoções podem ser aterrorizantes, quando destrutivas, mas, ao mesmo tempo, podem ser sinalizadoras de mudanças possíveis e transformadoras.

Foi muito interessante, relacionar os aspectos encontrados na teoria de Jung com o contexto clínico. Compreender os aspectos positivos de uma emoção como o medo não é fácil, por isso achei importante a análise e discussão das ilustrações.

A utilização de contos e histórias da mitologia no consultório psicológico é um instrumento muito eficiente para a compreensão dos fenômenos psicológicos. Eles permitem a amplificação dos conteúdos que emergem durante a terapia, facilitando a elaboração psicológica.

No caso específico do medo, é possível compreender, através dos mitos, que ele é uma emoção universal, que todo mundo sente e que pode mostrar a necessidade de uma conscientização maior das forças interiores, que precisam ser integradas.

A análise simbólica de uma emoção por meio de uma pesquisa teórica pode ser uma contribuição importantíssima da Psicologia Analítica para a prática clínica, principalmente por seu aspecto prospectivo.

O Núcleo de Estudos Junguianos, abriu novos caminhos e, com certeza, poderá contribuir para que muitas pesquisas sejam realizadas, facilitando o trabalho do psicólogo.



## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Maria Zélia de, col. **Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2007.

ALVARENGA, Maria Zélia de, **O Graal: Arthur e seus cavaleiros**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2008.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. e GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1988.

ARAUJO, Ceres. A. **As representações mentais do bebe: dos esquemas de estar-com-uma-pessoa ao funcionamento simbólico** in: Anais do IV congresso latino-americano de Psicologia Junguiana. Uruguai: SUPA, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond. **O medo** in: Poesias completas. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Aguilar, 2003.

ANDRÉ, Christophe, **Psicologia do medo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George (ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático – 5ª ed.** – Petrópolis, RJ. : Vozes, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo, SP: Ed. Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo, SP: Pensamento-Cultrix, 2002.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo, SP: Companhia da Letras, 1999.

DSM-IV-TR **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FARIA Durval L. de. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: Educ, 2003.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXXII: ansiedade e vida instintual**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 22. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

GALLBACH, Marion R. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo, SP: Paulus, 2000.

GILL, Rosalind. **Análise de discurso**. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Ed) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GRIMBERG, Luís Paulo. **Jung: o homem criativo**. São Paulo, SP: FTD, 2003.

HARK, HELMUT org. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2000.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2006.

HOUAISS, Instituto Antônio. 1ª ed. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

JUNG, C. G. **Estudos psiquiátricos**. OC 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

JUNG, C. G. **Estudos experimentais**. OC 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. OC 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

JUNG, C. G. **Freud e a psicanálise**. OC 4. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. OC. 5, Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

JUNG, C.G. **Tipos psicológicos**. OC 6 Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. O C. 7/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. OC 7/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JUNG, C. G. **A energia Psíquica**. OC 8/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. OC 8/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OC 9/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JUNG, C. G. **Aion – Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. OC 9/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

JUNG, C. G. **Psicologia em transição**. OC 10. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. OC 11/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984

JUNG, C. G. **Interpretação psicológica do dogma da trindade**. OC. 11/2 Petrópolis, RJ: Vozes, 1979

JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. OC 13. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JUNG, C. G. **Mysterium Coniunctionis**. OC 14. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. OC 16/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. OC 16/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. OC 17. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Fundamentos de psicologia analítica**. OC 18/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. OC 18/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2006

JUNG, C. G. e col. **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1982.

JUNG, C. G. **Cartas de C. G. Jung**; Vol.1,2 e3; editado por Aniela Jaffé em colaboração com Gerhard Adler. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Psychological interpretation of children's dreams**: Notes on lectures given by Prof. Dr. C.G. Jung at the Eidgenössische Technische Hochschule, Zurich, Autumn-Winter, 1938-39 (Unknown Binding)

KAST, Verena. **Pais e filhas, mães e filhos**: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno. São Paulo, SP: Loyola, 1997.

KAST, Verena. **A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fada**. São Paulo, SP: Paulus, 2006.

KNOX, Jean. **Archetype, Attachment, Analysis**: junguian psychology and the emergent mind. Chapter 6 New York, NY; Brunner-Routledge, 2003.

LENINE. **Miedo** In: Lenine Acústico, MTV - [www.lenine.com.br](http://www.lenine.com.br)

LIMA FILHO, Alberto P. **O pai e a psique**. São Paulo, SP: Paulus, 2002.

M. MESTRE. **Medo e memória**: emoção e sociabilidade do final do século XX. In: Interação em Psicologia - ISSN 1981-8076 (versão eletrônica), v. 4 (2000)

NEUMANN, E. **A criança**- Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação. São Paulo, SP: Cultrix, 1993.

OLIVERIO Ferraris, A. **Psicologia della paura**. Torino: Boringhieri, 1980.

PIERI, Paolo F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo, SP: Paulus, 2002.

PENNA, Eloísa M. D. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung** – Dissertação de Mestrado – PUCSP, 2003.

RAMOS, Denise G. **A Psique do Corpo**, São Paulo, SP: Summus, 2006

RAMOS, Denise G. e col. **Os animais e a Psique**, São Paulo, SP, Summus, 2005.

ROAZZI, Federicci e Wilson. **A Estrutura Primitiva da Representação Social do Medo** - *Psicol. Reflex. Crit.* vol.14 no.1 Porto Alegre 2001

ROAZZI, Federicci e Carvalho. **A Questão do Consenso nas Representações Sociais: Um Estudo do Medo Entre Adultos**-*Psicologia: Teoria e Pesquisa* Vol.18 n.2 (2002).

ROAZZI, Federicci e Wilson. **A Estrutura Primitiva da Representação Social do medo**. In: *Psicol. Reflex. Crit.* vol.14 no.1 Porto Alegre 2001.

RUBY, Paulo. **As faces do humano**: estudos de tipologia junguiana e psicossomática. São Paulo, SP; Oficina de textos, 1998.

ROSE, Diane. **Análise de imagens**. In: BAUER, Martin W. e Gaskell, George (Ed) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHMITT, Alexandre. **O limite como potência**: um estudo das relações entre a vergonha e a criatividade. 2006. 235 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes com medo**: da compreensão à superação. São Paulo, SP: Integrare, 2006.

SIQUEIRA-BATISTA et al . **Neurobiologia das emoções** in: *Rev. psiquiatr. clín.* vol.35 no.2 São Paulo 2008

STEIN, Murray. **Jung, o mapa da alma**: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2005.

STEIN, Murray. **Individuation** In: Papadopoulos, Renos K. *The Handbook of Jungian Psychology – Theory, Practice and Applications*. New York, NY: Routledge, 2006.

VARGAS, Nairo de Souza. **Transtornos da ansiedade**. In *Psicopatologia psicodinâmica simbólico-arquetípica – Uma perspectiva junguiana de integração em psicopatologia y clínica analítica*. Montevideo, Uruguai, Prensa médica latino americana, 2006.

VON FRANZ, Marie Louise. **Puer Aeternus**: a luta do adulto contra o paraíso da infância. São Paulo, SP: Paulus, 1999.

VON FRANZ, Marie Louise. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo